



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BRUNO TEIXEIRA CARLOS**

**CANTINHO DE RECORDAÇÃO, COLECIONANDO MEMÓRIAS: O ACERVO DE  
ELIAS MOREIRA 1970 A 2020**

**CAJAZEIRAS-PB  
2022**

**BRUNO TEIXEIRA CARLOS**

**CANTINHO DE RECORDAÇÃO, COLECIONANDO MEMÓRIAS: O ACERVO DE  
ELIAS MOREIRA 1970 A 2020.**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Vieira de Sousa

**CAJAZEIRAS-PB  
2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

C284c	<p>Carlos, Bruno Teixeira. Cantinho de recordação, colecionando memórias: o acervo de Elias Moreira 1970 a 2020 / Bruno Teixeira Carlos. - Cajazeiras, 2022. 66f. : il. - Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa. Monografia (Licenciatura em história) UFCG/CFP, 2022.</p> <p>1. Historiografia. 2. Memória. 3. Coleção Elias Moreira Alves. 4. Oralidade. 5. História local. 6. Sítio cantinho - Triunfo - Paraíba. 7. História social. 8. História de vida. 9. Recordações. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS <span style="float: right;">CDU - 930</span></p>
-------	--

**BRUNO TEIXEIRA CARLOS**

**CANTINHO DE RECORDAÇÃO, COLECIONANDO MEMÓRIAS: O ACERVO DE  
ELIAS MOREIRA 1970 A 2020.**

**APROVADO EM** \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvana Vieira de Sousa (UFCG)  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Ana Lunara da Silva Morais  
Examinadora

---

Prof<sup>º</sup>. Ms. Francinaldo de Souza Bandeira  
Examinador

---

Prof<sup>º</sup>. Israel Soares de Sousa  
Examinador (Suplente)

**CAJAZEIRAS- PB  
2022**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me prestigiar com paciência, sabedoria, perseverança. Por ser refúgio nas horas de desânimo, ansiedade, raiva, dúvida e medo. Gratidão a ti senhor, por ouvir as minhas orações, pelo apoio concedido nos momentos de aflições, e principalmente por não me deixar desistir.

À minha família, que foi primordial nesse processo acadêmico, assim como nos mais variados momentos de minha vida. Pelo apoio nos momentos difíceis, pela injeção de ânimo e por me fazerem acreditar e lutar até o final pela conclusão do curso. Minha mãe: Maria Aparecida Teixeira Alves da Cruz, meu pai; Pedro Carlos da Silva, minha irmã; Brenda Teixeira Carlos; minha avó; Maria Leite Teixeira, meu avô; Cicero Carlos da Silva.

Quero agradecer a minha esposa, Maria de Jesus Oliveira Fernandes, a qual me incentivou constantemente para ir em frente com o trabalho de conclusão de curso, que me ouviu nos momentos de angústia, tristeza e desabafos, a ela que ouviu muitas vezes eu falar sobre o meu tema, estava atenta a ouvir, que foi comigo buscar informações junto a minha fonte de pesquisa, enfim, agradeço por me apoiar e por confiar na minha capacidade.

Ao senhor Elias Moreira Alves, que foi imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho, agradeço de coração pela cordialidade, atenção e informações que me foram relatadas. Agradeço por confiar e por me apresentar sua coleção e a história em torno dela.

Agradeço aos meus colegas de curso que tornaram essa caminhada acadêmica muito mais agradável. Não irei citar o nome de todos meus amigos para não correr o risco de esquecer-se de alguém, nesse sentido agradeço aos amigos que conviveram comigo na residência universitária e aos amigos do curso de história, aos amigos do projeto musicoterapia, faço menção ao professor Fabio Marques, que foi um pai pra mim.

Gratidão em especial ao meu amigo, Francisco Iarlyson Santana de Andrade, que permaneceu a disposição para me ajudar, sempre que precisei ele estava à disposição, nunca me disse um não.

À todos os professores do CFP com os quais tive a honra de conviver e aprender durante o curso. Obrigada por todo conhecimento e valores a mim repassados, vocês contribuíram para meu crescimento pessoal e intelectual.

Agradeço de forma especial a minha orientadora Silvana Vieira de Sousa, a qual me proporcionou muito aprendizado, nas disciplinas de História da Paraíba, a professora que proporcionou um momento muito importante em minha vida, a viagem pra João Pessoa para conhecer o IHGP-PB. Obrigada por todo conhecimento a mim repassado, sou grato por ter me

aceitado como orientando e contribuir significativamente para o desenvolvimento desse trabalho. Obrigada professora, por se mostrar sempre à disposição e sanar minhas dúvidas, obrigado até mesmo pelos puxões de orelha. Gratidão por disponibilizar seu tempo e conhecimento, obrigado por acreditar em mim, por não me deixar desistir, por me mostrar que o TCC não era um bicho de 7 cabeças, as suas contribuições foram essenciais para reestabelecer o meu animo, coragem e a minha vontade de concluir esse trabalho.

Gratidão a todos!

## RESUMO

Situado no campo da história social, a pesquisa: colecionando memórias: a prática de guardar - o acervo de Elias Moreira, de 1970 a 2020, envolve uma abordagem que relaciona história, memória e objeto. A pesquisa é desenvolvida a partir da coleção senhor Elias Moreira Alves, objetivando-se colher depoimentos e histórias de sua vida, com o intuito de pensarmos como ele constrói e pensa determinadas lembranças a partir dos objetos guardados em sua coleção pessoal. Para efetivação dessa pesquisa se fez necessário conhecer a coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira, e através dos relatos compreender a importância desses objetos no auxílio da memória, bem como analisar a influência dessa coleção de objetos na construção das narrativas obtidas. Visando ainda discutir sobre as diferentes possibilidades de interpretações e significados atrelados a memória, tudo isso para compreendermos como a prática de colecionar, pode contribuir no processo difusão de informações e rememoração de lembranças passadas, por fim iremos trabalhar com diferentes conceitos e diferentes perspectivas bibliográficas ao decorrer da pesquisa. Devido à necessidade de valorizar, enfatizar e contribuir para construções e reflexões em torno da memória coletiva, o tema: Cantinho de recordação, Colecionando Memórias: O acervo de Elias Moreira 1970 a 2020, está entrelaçado com a nova história e os seus novos métodos de abordagens, possibilitando novos horizontes e novas reflexões historiográficas.

**Palavra – Chave:** Oralidade; História Local; Memória; Historiografia; Coleção Elias Moreira; Sítio Cantinho, Triunfo-PB.

## **ABSTRACT**

Situated in the field of social history, the research: collecting memories: the practice of keeping - Elias Moreira's collection, from 1970 to 2020, involves an approach that relates history, memory and object. The research is developed from the collection Mr Elias Moreira Alves, aiming to collect testimonies and stories of his life, in order to think about how he builds and thinks certain memories from the objects kept in his personal collection. In order to carry out this research, it was necessary to know the collection of old objects by Mr. Elias Moreira, and through the reports to understand the importance of these objects in the aid of memory, as well as to analyze the influence of this collection of objects in the construction of the obtained narratives, in order to further discuss about the different possibilities of interpretations and meanings linked to memory, all this to understand how the practice of collecting can contribute to the process of disseminating information and remembrance of past memories, finally we will work with different concepts and different bibliographic perspectives during the research . Due to the need to value, emphasize and contribute to constructions and reflections around collective memory, the theme: Corner of remembrance, Collecting Memories: Elias Moreira's collection 1970 to 2020, is intertwined with the new history and its new methods of approaches, enabling new horizons and new historiographical reflections.

**KEYWORDS:** Orality; Local History; Memory; Historiography; Elias Moreira Collection; Sitio Cantinho, Triunfo-PB.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Caneta Da Coleção De Elias Moreira.....	33
<b>Figura 2</b> - Punhais, Munições (Inativas), Arma (Inativa) e Binóculos da coleção de Elias Moreira. ....	36
<b>Figura 3</b> - Lampião e Rádios Antigos da Coleção de Elias Moreira.....	45
<b>Figura 4</b> - Carro de Boi Antigo. ....	46
<b>Figura 5</b> - Aro do antigo Ford da família Moreira .....	47
<b>Figura 6</b> - Prensa de massa de mandioca.....	48
<b>Figura 7</b> - Engenho atual .....	48
<b>Figura 8</b> - Roda de tração manual.....	49

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A PRÁTICA DE COLECIONAR, ROMPENDO PARADIGMAS E CRIANDO NOVAS POSSIBILIDADES HISTÓRICAS. ....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 2 - SÍTIO CANTINHO DE 1980 A 2020 UM LUGAR DE MEMÓRIA EM TRIUNFO PARAIBA. ....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 3 - A COLEÇÃO COMO SUPORTE DA REINTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DO PASSADO.....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>58</b>
Apêndice 1 - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido	58
Apêndice 2 – Questionário	61
Apêndice 3 - Transcrição Da Entrevista	62

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo apresentar o tema dentro do campo da história e da historiografia, ressaltando a importância das transformações ocorridas nas décadas de 1960 e 1970 onde se abriu novos horizontes com a chegada da nova história, possibilitando uma ampliação das fontes e dos métodos de abordagens historiográficas.

Nesse sentido, podemos falar sobre a "Memória" que é um dos campos de estudo com grande abrangência, sua definição vai além do ato de conservar, lembrar e esquecer. Situado nesse campo de abordagem historiográfica, a pesquisa: "Cantinho de recordações, Colecionando Memórias: O Acervo de Elias Moreira (1970 - 2020)" é voltado para entender como a prática de colecionar objetos antigos pode contribuir na rememoração de acontecimentos da história. A memória além de assumir um papel importante dentro da história, ela auxilia na análise dos acontecimentos, na preservação assim como na construção historiográfica.

De forma geral, a memória tem a capacidade de armazenar informações, é através dela que as pessoas conseguem trazer à tona determinadas lembranças. Com isso podemos entender que existe um conjunto de fatores responsáveis pela capacidade de lembrar. Essa pesquisa tem como foco estudar a coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira, e em consonância com os seus relatos, compreender como estes objetos corroboram no momento de extrair uma lembrança.

Diante da importância atribuída ao campo da memória, sua função de manter vivo: tradições, lembranças e relatos, torna-se necessário entender como um determinado grupo ou localidade pode utilizar-se da memória e dos seus suportes para a construção de uma história. Assim como uma casa precisa de pilares para se sustentar, a memória necessita de suportes, através deles podemos refletir sobre acontecimentos do passado e entender as transformações da sociedade atual.

O acervo de Elias Moreira situado no Sítio Cantinho, município de Triunfo – PB, apresenta-se, na prática, como o ato de colecionar objetos antigos, o que colabora no processo de construção de uma narrativa histórica. Um dos pontos importantes para orientar na compreensão do tema é pontuar alguns conceitos sobre memória. Conhecer a coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira. Debater sobre as interpretações, valores simbólicos atribuídos a esses objetos. Tudo isso em busca de compreender como a prática de colecionar objetos antigos influencia na difusão de informações e na elaboração do discurso em torno de determinados acontecimentos.

Diante dos possíveis lapsos da memória, a historiografia surge como uma ferramenta essencial na construção e preservação dos acontecimentos históricos. No processo de memorização e relatos históricos, é necessário suportes para contribuírem na prática de rememoração de eventos. Portanto, a contribuição de suportes materiais se tornam essenciais no desenvolver da história, os objetos antigos presentes na coleção do senhor Elias Moreira, assume de maneira emblemática um lugar privilegiado no momento da construção narrativa de um determinado acontecimento. Os objetos antigos em consonância com relatos memorialísticos de uma pessoa ou grupo de indivíduos contribuem para a história local.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e de campo, além de estudo de caso. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas da área de história e memória. O estudo de caso foi desenvolvido, em sua totalidade, através de pesquisa de campo, voltada para a metodologia da história oral com ênfase na realização de entrevistas com o senhor Elias Moreira. A pesquisa apresenta um teor exploratório e descritivo, e necessita de uma análise e levantamento bibliográfico de materiais existentes como: livros, documentos, artigos científicos e entre outros. Também entendemos como um procedimento importante o estudo de caso, onde é possível relacionar e analisar os relatos orais com materiais existentes que dão suporte à memória.

Todo método utilizado parte da intermediação e aproximação entre as fontes bibliográficas, os relatos e os objetos pertencentes ao acervo do senhor Elias Moreira, resultando em um trabalho subdividido em três capítulos: o primeiro intitulado “A prática de Colecionar, rompendo paradigmas e criando novas possibilidades históricas”, com o objetivo de dialogar sobre o ato de colecionar bem como apresentar o rompimento da história tradicional e o nascimento da nova história, também visa abordar a importância dessas mudanças para a elaboração de trabalhos no campo da história oral. No segundo capítulo, intitulado “Sítio cantinho de 1970 a 2020: um lugar de memória em Triunfo-Paraíba”, foi discutido alguns aspectos e eventos sociais em torno da formação e emancipação política do espaço e tempo do colecionador, assim como a caracterização desse espaço do colecionador como um lugar de memória, que carrega diferentes dimensões históricas. O terceiro, intitulado “A coleção como suporte da reinterpretação histórica do passado”, buscou elencar como os objetos da coleção do senhor Elias Moreira, isso é, como se configura como suporte da memória, e também discutir em torno das atribuições e reinterpretações individuais ou coletivas que estão presentes no momento de lembrar-se.

## **CAPÍTULO 1 - A PRÁTICA DE COLECIONAR, ROMPENDO PARADIGMAS E CRIANDO NOVAS POSSIBILIDADES HISTÓRICAS**

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e de campo, além de estudo de caso. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas da área de história e memória. Mediante a natureza do objeto de estudo, a pesquisa se volta para a metodologia da história oral com ênfase na realização de entrevistas com o senhor Elias Moreira Alves, residente na cidade de Triunfo-PB. Sua coleção, no entanto, fica guardada no Sítio Cantinho, município de Triunfo-PB, através da metodologia aplicada, podemos conhecer e compreender a importância e os significados em torno do seu acervo pessoal. Através da sua coleção e de outros suportes teóricos e metodológicos, podemos explorar e compreender os valores e os significados atribuídos aos mesmos. Durante esse processo dialogaremos com textos de vertentes variadas, no campo da história oral, podemos citar Alberti Verena (1990), pois a mesma trabalha na concepção de que a história oral privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu.

A história oral é sem dúvidas uma importante ferramenta para obtenção de relatos, importantes para o suporte da construção historiográfica, mesmo tendo passado por um período de dificuldades com relação à sua aceitação, a história oral hoje, é parte essencial na produção acadêmica nacional, regional e local. Partimos desse sentido da utilização de diferentes campos de abordagem historiográfica, bem como a: história oral, memória, historiografia, história local, história social. Para pensar especialmente a história da coleção do senhor Elias Moreira, localizada no Sítio Cantinho, município de Triunfo-PB, compreendemos, pois que, a discussão em torno das fontes históricas passou por uma evolução, trazendo novas possibilidades e perspectivas para o fazer historiográfico, os historiadores agora podem utilizar-se de documentos variados, não somente os escritos. Pois de acordo com Paul Thompson (1992) a história oral é a matéria prima da história, e com isso é possível uma ampliação no seu campo de abordagens.

Conforme explicado acima, o campo de abordagem tornou-se muito mais amplo, o que possibilitou situarmos o objeto de pesquisa em questão no campo da história social, pois, a pesquisa: Cantinho de recordação, Colecionando Memórias: O acervo de Elias Moreira 1970 a 2020, envolve uma abordagem que relaciona história, memória, objeto e entrevista. É a partir dessa relação que se torna possível entender como a prática de colecionar objetos antigos contribui na rememoração de acontecimentos dentro de um contexto social, dando suporte aos relatos e as lembranças escolhidas pelo colecionador.

Lucília de Almeida Neves Delgado (2010) em seu livro sobre História Oral, ela nos ajuda a compreender conceitos sobre memória, tempo e identidades, fortalecendo a importância da história oral. De acordo com a autora, história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. A autora deixa claro que, neste sentido, para desenvolver uma pesquisa é possível utilizar-se de diferentes fontes, inclusive a história oral, pois, em conjunto com a memória e com a historiografia, deve ser entendida como uma forma de pensar e legitimar os resquícios do passado, relatados por meio de entrevistas e assegurados por suportes materiais. Nesse caso, os três elementos supracitados acima, coincidem também com Halbwachs (1990, p. 53-55), quando o autor analisa a memória na sua dimensão individual e coletiva, constatando que necessitamos de pontos de referência que estruturam a nossa memória e que a insiram na memória da coletividade a que pertencemos.

Conforme mencionado pelo autor, é através dos relatos que a história oral busca registrar e perpetuar as lembranças e vivências daqueles indivíduos que se dispuseram a compartilhar suas lembranças, criando pontos de referência que estruturam as ações da memória que decidimos evocar. A partir de depoimentos é possível estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, memória age como um filtro, fazendo uma seleção das lembranças e acontecimentos, tudo de acordo com o grau de importância designado a cada detalhe resgatado. Ainda de acordo com Alberti Verena (1990), a história oral apresenta uma característica específica de documentar ações provenientes da memória, tornando a entrevista como meio de encontrar sobras do passado, dando destaque para aquilo que pretende ser guardado e concebido como legítimo como memória, não apenas como meros relatos.

Juntamente com o processo evolutivo da sociedade, a história também passou por significativas mudanças, como a aceitação de novos campos e métodos de abordagem, exemplo disso é a história oral, hoje compreendida como uma possibilidade de suporte para construção e perpetuação da memória histórica, através dos relatos orais é possível perceber que "a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência de fatos coletivos" (THOMPSON, 1992, p.19).

Conforme explicado acima, a história oral surgiu em meio as novas concepções historiográficas dos anos 1960-1970, principalmente ligada à "história dos de baixo", à volta do acontecimento e a valorização do indivíduo. De acordo com Thompson (1992), a história oral contribui especialmente para os menos privilegiados, buscando a compreensão entre as classes e as gerações, os trabalhadores rurais, os indígenas e idosos, por exemplo, faziam parte dos ditos menos privilegiados, porém com o surgimento da nova história, isso tendeu a

modificar-se. Enfim, ligava-se à nova linha de estudos culturais que se afastava dos estudos puramente estruturais, quantitativos e políticos, agora levando em conta novos objetos, metodologias e fontes. De forma geral, pode-se afirmar que os estudos realizados com fontes orais tiveram grande impulso a partir dos anos 1960, devido ao avanço tecnológico que, ao produzir gravadores, viabilizou o arquivamento de depoimentos orais.

De acordo com Paul Thompson (1992, p. 18):

A história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário. O método da história oral possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais; enfim, a reinterpretação do passado, pois, segundo Walter Benjamin, qualquer um de nós é uma personagem histórica.

O autor deixa claro na citação acima que as percepções e os relatos em torno de determinados acontecimentos são fundamentados por uma memória social, vinculados a identidade da comunidade e ao entrevistado. Fica evidente a forte relação entre memória e história oral, ambas se complementam. Porém, essas apresentam funções distintas, a primeira tem a característica de guardar e a segunda de relatar o que está guardado, mas a vontade de perpetuar os resquícios do passado se tornam similares.

Conforme explicado acima é interessante destacar uma constante busca e interesse da sociedade pelo seu passado, mas ainda é baseada quase sempre em monumentos, objetos e relatos. Mesmo assim, não parece haver razão para desconsiderar as sobras de um passado, o qual alguém escolheu lembrar. Ou seja, dialogando com questões sobre memória, história e cultura material, esse trabalho busca compreender as lembranças e a história em torno das localidades e dos lugares de memória e os diversos suportes que estruturam e a legitimam. Em outras palavras, situado no campo da história social, a pesquisa deste TCC envolve uma abordagem que relaciona história, memória, objeto e entrevista. Objetivando analisar e compreender a memória histórica a que se reportam os objetos que fazem parte do acervo do colecionador Elias Moreira, atuando em consonância com relatos, que descrevem e afloram a importância e a sua influência na construção de uma memória individual/coletiva, contribuindo no processo de recordação do passado e auxiliando na construção narrativa do presente. Para efetivação dessa pesquisa se fez necessário a criação de um vínculo de amizade com o entrevistado, o senhor Elias Moreira, a partir disso que foi possível conhecer a sua coleção de objetos antigos, assim como extrair relatos essenciais na compreensão da

importância dos significados e valores atribuídos aos objetos, que auxiliam no uso da memória. Portanto, é imprescindível analisar a influência dessa coleção de objetos na construção das narrativas obtidas durante a entrevista, visando ainda discutir sobre as diferentes possibilidades de interpretações e significados atrelados à memória. Tudo isso para compreendermos como essa prática de colecionar pode contribuir no processo de difusão de informações e rememoração de lembranças passadas. Iremos trabalhar com diferentes possibilidades, conceitos e diferentes perspectivas bibliográficas ao decorrer da pesquisa. É importante destacar o papel do entrevistado, pois é através das suas inquietações que se faz surgir informações e relatos provenientes da sua capacidade de lembrar, é nesse processo que se é atribuído significado aos fatos, pois:

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco científica de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços subjetivos e sua importância relativa. (VEYNE, 1995, p. 26)

Diante disso, podemos compreender que o processo de construção histórica passa pelas mãos do historiador, pois ele se debruça sobre as fontes, fazendo ressurgir diversas lembranças, variados depoimentos e diferentes ressignificações históricas. Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e de campo, além de estudo de caso. a pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas da área de história e memória. o estudo de caso foi desenvolvido, em sua totalidade, através de pesquisa de campo, voltada para metodologia da história oral com ênfase na realização de entrevistas com o senhor Elias Moreira. Devido à necessidade de valorizar, enfatizar e contribuir para construções e reflexões em torno da memória coletiva, esta pesquisa está entrelaçada com a nova história e os seus novos métodos de abordagens, possibilitando novos horizontes e novas reflexões historiográficas. Enfim, por meio de todo o estudo realizado podemos destacar a real importância no ato de colecionar, pois a memória necessita de suportes que fortaleçam a prática e a necessidade de lembrar. Fica claro que a memória, a oralidade e a prática de colecionar suportes materiais, trazem consigo uma função importante de enriquecimento da história, pois, os lugares de memória apresentam-se de formas distintas e com características únicas, trata-se inegavelmente de um conjunto de aspectos constituintes de um processo histórico e memorialístico da sociedade. Seria um erro, porém, atribuir relevância apenas as formas oficiais de documentos, monumentos, arquivos e relatos no momento da construção da história. De acordo com o "Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional - IPHAN" (1937), o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.

Conforme explicado acima, a memória é singular de cada ser humano e na maioria dos casos torna-se múltipla quando é compartilhada, constituindo parte de um processo histórico onde aborda diversas realidades e características humanas no seu lugar de origem, por exemplo, a coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira constitui um lugar de memória, pois são restos, resíduos, suportes materiais que carregam em si experiências de um povo em um tempo passado e que hoje, aflora a necessidade de criação de um lugar que reviva, reative e renove essa memória.

A busca pela compreensão em torno da História Local obteve crescimento ao longo dos tempos, tornou-se uma prática essencial para a confirmação de pertencimento e identidade das pessoas de um determinado lugar. É dentro das localidades que podemos identificar dimensões, características e significados distintos a partir de diferentes possibilidades de pesquisa, é nesse momento que nos inserimos dentro das diferentes realidades locais, do passado e do presente. Por isso é importante entender a relação entre memória e história, pois a memória garante uma coesão social que se entende como os laços com o grupo que se mantêm mesmo quando os indivíduos se encontram sozinhos, e é no grupo que eles se pautam ao recorrerem às suas lembranças (HALBWACHS, 2004).

Conforme explicado acima, compreendemos que toda produção histórica parte da perspectiva de um determinado lugar, não se pode fazer história sem que tenhamos um local como ponto de partida. Pois as localidades apresentam em seu seio uma diversidade de conjuntos culturais, ideológicos, religiosos, econômicos, políticos e entre outra gama de informações e possibilidades, ao fazer esse tipo de pesquisa, automaticamente estaremos dentro dessas diferentes realidades, fisicamente e mentalmente.

Michel de Certeau em sua obra "A operação Histórica" (1988), deixa claro que todo trabalho historiográfico parte de um lugar, bem como o fato histórico acontece em um determinado local, processos essenciais na produção da história. Por todas essas razões a construção dos lugares de memória são inevitáveis e necessários para aqueles que desejam lembrar-se e passar adiante as suas lembranças.

Fica evidente a importância e a dimensão dos lugares de memória no processo historiográfico e na construção da memória. Conforme mencionado por Certeau, todo trabalho histórico parte de um lugar, ou seja, tudo que pertence a esse lugar, principalmente as pessoas, podem contribuir significativamente no processo histórico, características como a: vivência,

cultura, práticas, lembranças, materiais, produtos e acontecimentos, tudo isso faz parte da memória histórica e da identidade de um povo. Para Marilena Chauí (1995, p. 125): "a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total". Se a memória é a evocação do passado, logo torna-se necessário a existência do lugar onde essa memória é lembrada, bem como o personagem que irá resgatá-la, a memória e seus suportes não falam por si só, elas precisam serem impulsionadas e efetivadas no campo da produção histórica. De acordo com Constantino, a importância dos estudos em torno da história local se justifica em:

Conhecer realidades do processo histórico local e regional é indispensável à construção da identidade do grupo humano. Além disso, satisfaz a necessidade de entender aquilo que está próximo de nós, diretamente relacionado à nossa vida social, econômica e cultural. (CONSTANTINO, 2004, pg. 176).

Dessa forma, quem tem a prática e o gosto de colecionar, também tem a preocupação e o cuidado de compartilhar, de cobrir de importância e de significado tudo que está sendo guardado. Conforme explicado acima, a necessidade de criar lugares de memória existe diante de uma grande preocupação com a consequência do esquecimento, portanto as pessoas utilizam-se de ferramentas e gatilhos existentes para não sucumbirem a ausência da lembrança. O acervo de Elias Moreira que está localizado no Sítio Cantinho, Triunfo – PB, por exemplo, carrega consigo a importante função de gatilho da memória, dando suporte e referência aos relatos do senhor Elias Moreira, pois:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivessem ameaçados, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que ele envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, salvá-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (Pierre Nora, 1993, p. 13).

O autor deixa claro a importância de criar suportes de sustentação da memória, por exemplo, um pequeno acervo, o qual está coberto de significados e valores, criado justamente com a intenção de não facilitar o esquecimento, assim como possibilitar a posterioridade dos componentes presentes no acervo, tanto os objetos como os significados relatados e repassados ao próximo. A prática de guardar objetos antigos, é uma das formas de

preservação e de criação de gatilhos da memória, podendo ser passados de geração para geração, carregando junto a si, um conjunto de experiências e significados relatados pelo guardião desses gatilhos.

Sendo assim, as transformações que ocorreram longo do tempo, beneficiaram a história e suas áreas afins, principalmente com o surgimento das Ciências Sociais e a geração da nova história, que buscava a compreensão dos diversos grupos sociais, a memória, os relatos, os desfavorecidos, a conquista de espaço na construção historiográfica torna-se evidente. As lembranças e os relatos orais feitos por indivíduos e grupos sociais passam a ser consideradas como possíveis fontes, independentes das diferenças socioeconômicas e socioculturais, pois com a mudança das mentalidades, surgiu a aceitação de novos métodos de pesquisa.

Essa pesquisa apresenta o tema dentro do campo da história e da historiografia ressaltando as novas possibilidades de produção histórica, principalmente a partir das transformações ocorridas nas décadas de 1960 e 1970 onde abriu-se novos horizontes com a chegada da Nova História, possibilitando uma ampliação das fontes e dos métodos de abordagens historiográficas, nesse sentido, podemos citar Fernando Frochtengarten (2005), onde ele fala que a sociedade tem assistido um movimento de valorização do recurso da memória oral no campo das ciências humanas, cada vez mais aceita por psicólogos sociais, antropólogos e historiadores, assim como uma crescente prática de recolhimento de lembranças por meio de depoimentos.

Conforme os referências teóricos acima expostos, podemos falar sobre a "Memória" que é um dos campos de estudo com grande abrangência, sua definição vai além do ato de conservar, lembrar e esquecer. Situado nesse campo de abordagem historiográfica, a pesquisa: "Cantinho de recordações, Colecionando Memórias: O Acervo de Elias Moreira 1970 a 2020" é voltada para entender como a prática de colecionar objetos antigos pode contribuir na rememoração de acontecimentos da história. A memória além de assumir um papel importante dentro da história, ela auxilia na análise dos acontecimentos, na preservação assim como na construção historiográfica. Essa renovação historiográfica que possibilitou estudos como este se opõe a historiografia chamada positivista ou tradicional em que se admitia apenas um grupo seleto de personagens e documentos, eram escolhidos representantes do poder, do prestígio, da história oficial, história dos vencedores e documentos oficiais. O que não é o caso de Elias Moreira e sua coleção, pois parte de uma história vista de baixo, de fontes não oficiais e de relatos de uma pessoa comum sem privilégios e sem apadrinhamento político. A nova história surge para romper com o paradigma da história tradicional, esse

novo campo passa a se interessar por toda atividade que envolve a ação humana, principalmente “a ideia de explorar a história do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante” (BURKE,1992, p.40). Durante muito tempo a história oficial/positivista ofuscou a história mais democrática e geral das civilizações, o verdadeiro brilho da história surge com a Nova História, possibilitando ao historiador fazer novos questionamentos e interrogações sobre documentações históricas.

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (BURKE, 1992, p.41).

Diante da ampliação de possibilidades, a memória e a história oral ganham potencial no que diz respeito a sua capacidade de evocar informações contidas na memória, é através dela que as pessoas conseguem trazer à tona determinadas lembranças. Com isso podemos entender que existe um conjunto de fatores responsáveis pela capacidade de lembrar. Essa pesquisa tem como foco estudar a coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira, e em consonância com os seus relatos, compreender como estes objetos corroboram no momento de extrair lembranças individuais e locais.

Diante da importância atribuída ao campo da memória, sua função de manter vivo: tradições, lembranças e relatos, torna-se necessário entender como um determinado grupo ou localidade pode utilizar-se da memória e dos seus suportes para a construção de uma história. Assim como uma casa precisa de pilares para se sustentar, a memória necessita de suportes, através deles podemos refletir sobre acontecimentos do passado e entender as transformações da sociedade atual.

O acervo de Elias Moreira apresenta, com o ato de colecionar objetos antigos, colaboração no processo de construção de uma narrativa histórica. Um dos pontos importantes para orientar na compreensão do tema é pontuar alguns conceitos sobre memória. Conhecer a coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira. Debater sobre as interpretações valores simbólicos atribuídos a esses objetos. Tudo isso em busca de compreender como a prática de colecionar objetos antigos influencia na difusão de informações e na elaboração do discurso em torno de determinado acontecimento. Tudo isso ligado a ideia de que a memória, entendida como a presença do passado, é também uma representação seletiva de um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas do indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional (ROUSSO, 1996, p.94).

Diante dos possíveis lapsos da memória, a historiografia surge como uma ferramenta essencial na construção e preservação dos acontecimentos históricos. No processo de memorização e relatos históricos, é necessário suportes para contribuir na prática de rememoração de eventos. Portanto, a contribuição de suportes materiais se tornam essenciais no desenvolver da história. Os objetos antigos presentes na coleção do senhor Elias Moreira, assume de maneira emblemática um lugar privilegiado no momento da construção narrativa de um determinado acontecimento. Os objetos antigos, em consonância com relatos memorialísticos de uma pessoa ou grupo de indivíduos, contribuem para a produção da história local. A partir dos depoimentos é possível estabelecer relações entre passado e presente, bem como compreender a capacidade da memória em selecionar acontecimentos e lembranças a partir das preocupações pessoais, entendendo que ela também é um sentimento de continuidade de uma pessoa ou de uma comunidade.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e de campo, além de estudo de caso. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas da área de história e memória. O estudo de caso foi desenvolvido, em sua totalidade, através de pesquisa de campo, voltada para metodologia da história oral com ênfase na realização de entrevistas com o senhor Elias Moreira. A pesquisa apresenta um teor exploratório e descritivo, e necessita de uma análise e levantamento bibliográfica de materiais existentes como: livros, documentos, artigos científicos e entre outros. Também entendemos como um procedimento importante o estudo de caso, onde é possível relacionar e analisar os relatos orais com materiais existentes que dão suporte à memória. Todo método utilizado parte da intermediação e aproximação entre as fontes bibliográficas, os relatos e os objetos pertencentes ao acervo do senhor Elias Moreira. De acordo Jacques Le Goff (1994) a função da memória, que é processar, conservar, atualizar ou reinterpretar informações passadas no tempo presente.

Assim sendo, devido à necessidade de valorizar, enfatizar e contribuir para construções e reflexões em torno da memória coletiva, o tema de pesquisa deste TCC está entrelaçado com a nova história e os seus novos métodos de abordagens, possibilitando novos horizontes e novas reflexões historiográficas.

Atualmente a atitude de lembrar é constante na sociedade, e quanto maior a disponibilidade de gatilhos da memória, maior é a eficiência do ato de lembrar. Essa pesquisa se justifica através da compreensão e importância em colecionar objetos antigos como ferramentas de suporte da memória e, colaborando para manter vivo: tradições, lembranças e relatos memorialísticos.

Diante das dificuldades enfrentadas pela sociedade e os lapsos de memória presentes no momento da recordação humana, a memória necessita de suportes que fortaleçam essa prática de lembrar, no entanto a memória de um só pode fazer parte do outro se for compartilhada, esse compartilhamento sendo reforçado com suportes materiais, podem apresentar maiores chances de continuidade na história, pois:

A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder no deserto dos tempos, uma só gota de água irisada que nômades, passamos do côncavo de uma mão para outra mão, a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. (BOSI, 1995, p.90)

Conforme mencionado pela autora, a história não pode parar, devemos da continuidade ao processo de rememoração e difusão das lembranças, tomando o máximo de cuidado para não se deixar perder detalhes minuciosos da história. A memória coletiva, a oralidade e a prática de colecionar suportes materiais, trazem consigo uma função importante de enriquecimento da história. Obviamente, História e Memória serão temas inseparáveis nessa construção historiográfica.

## **CAPÍTULO 2 - SÍTIO CANTINHO, DE 1970 A 2020: UM LUGAR DE MEMÓRIA EM TRIUNFO-PARAIBA**

Nesse capítulo apresentaremos alguns aspectos e eventos sociais em torno da formação e emancipação política do espaço e tempo do colecionador Elias Moreira, evidenciando os eventos e os elementos colaborativos para esse processo. Localizada no interior da Paraíba, mais precisamente na microrregião de Cajazeiras, alto sertão paraibano, a cidade de Triunfo possui uma extensão de 219,866 km<sup>2</sup> e apresenta uma população de 9.220 habitantes de acordo com dados do censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Teve sua independência político administrativa sob a Lei 2.637 de 22 de dezembro de 1961, sancionada pelo Governador Pedro Moreno Godim, que assim deliberou:

“Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º - Fica criado o município de Triunfo, desmembrado do município de Antenor Navarro, com sede na atual vila do mesmo nome que fica elevada a categoria de cidade” (PARAÍBA, 1961).

Dessa forma, o município foi instalado oficialmente no dia 22 de dezembro, data em que se comemora o dia desta cidade. Inclusive é no período de dezembro que acontecem os dois eventos de maior destaque ligados ao surgimento da cidade, é o caso das festividades religiosas da festa do Menino Deus, que ocorrem entre os dias 15 e 25 de dezembro, bem como a festa de emancipação política, que ocorre no dia 22 de dezembro. Assim como outras pequenas cidades do interior do nordeste, Triunfo apresenta grande legado cultural ligado à religiosidade e política, traço marcante do município, através dos fatos que marcaram sua construção histórica, conforme os que são difundidos a partir de pesquisas e relatos orais de moradores locais, sua formação urbana teve início a partir da segunda metade do século XIX e está relacionada a dois fatos importantes tanto para historiografia como para a narrativa da história oral, a promessa feita ao Menino Deus e a Confederação do Equador, sendo assim descrito essa ligação:

O nome deve-se a uma batalha ocorrida em seu solo em 17 de outubro de 1824, por ocasião de um confronto entre os Confederados, grupo revolucionário separatista – que lutava pela formação de uma confederação nos estados da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí e as tropas governistas que defendiam a integridade nacional sob o domínio do império. Após o início da repressão ao movimento ocorrido em Recife, comandados pelo líder religioso Frei Caneca do Amor Divino, os confederados saíram pelo interior tentando apoio para a sustentação do intento, ocorrendo várias batalhas travadas entre estes e tropas oficiais. Em um desses confrontos o último antes da prisão de Frei Caneca na Fazenda Juiz, em Missão Velha-CE, houve um verdadeiro extermínio com a baixa de cento e oitenta homens

do grupo separatista. Isso motivou os imperialistas a denominarem a localidade em que houve a batalha, de Triunfo – até então conhecida por Picadas – em homenagem ao feito militar ali ocorrido (MANGUEIRA, 2011, p. 18).

Lugar de cultura, história e memórias, o seu nome está ligado ao próprio significado da palavra Triunfo que, de acordo com o dicionário significa: Vitória brilhante; grande êxito; vitória em guerra. De fato existem duas versões mais estudadas com relação a formação e a nomeação da cidade, a primeira está ligada a questões políticas, que fala desse conflito entre tropas imperialistas e separatistas, na localidade ali chamada Fazenda Picadas. Como vimos acima o autor informa que no episódio os imperialistas conseguiram causar grandes baixas nas tropas adversárias, obtiveram êxito na batalha, e depois desse evento, aquela localidade passaria a se chamar Triunfo. A outra versão está intimamente ligada a religiosidade, nas seguintes palavras:

A última capela construída e pertencente aos domínios eclesiásticos de São João do Rio do Peixe foi o templo dedicado ao Menino Deus, localizado no antigo Povoado de Picadas (atual Triunfo). Ali, um beato conhecido como caboclo Manoel Bernardo, temendo que a epidemia de cólera atingisse a localidade, recorreu ao Menino Deus, fazendo-lhe uma promessa de que se o lugarejo fosse poupado de tal calamidade, ele ergueria uma pequena capela e celebraria a sua festa todos os anos. Tendo alcançado a graça, o Caboclo Manoel saiu pelas redondezas pedindo esmolas e levantando recursos para construção, que em 1874 ainda estava inacabada, não passando de uma pequena “casa d’oração”. As obras de edificação continuaram até 24 de junho de 1881, quando, depois da conclusão dos trabalhos, o caboclo Manoel Bernardo convidou o Cônego Manoel Vieira da Costa e Sá, então vigário da Freguesia de São João, para celebrar uma missa e solenemente abençoar a nova capela. [...] o cônego Costa “dirigiu a palavra às pessoas ali presentes e declarou que daquele dia em diante ali não seria mais sítio Picadas e sim Triunfo”. (ABREU, 2015, p. 304).

Nessa versão, na mesma localidade, Fazenda Picadas, como era conhecida e pertencente a Antenor Navarro, atualmente nomeada como São João do Rio do Peixe, foi nesse espaço que o beato Manoel Bernardo, com medo da epidemia de cólera que assolava a região pede por intervenção divina. Rosilda Cartaxo em seu livro "Estrada das Boiadas" (1975) apresenta relatos que constituem indícios de que a epidemia realmente circulava o lugarejo na época e causava grande temor nas comunidades locais. Motivado pelo medo o seu Manoel recorre a fé, fazendo uma promessa ao Menino Deus para que ele intercedesse e pudesse livrar aquela localidade dessa doença, tendo alcançado a graça, ele saiu pelas redondezas pedindo esmolas e levantando recursos para construção da capela prometida, essa vitória contribuiria para a formação e nomeação de um Triunfo. As fontes orais e documentais colocam a figura de Manoel Bernardo como Beato, ou seja, um ser iluminado, virtuoso, bem-aventurado, porém, não se encontra maiores informações com relação ao procedimento de

beatificação dele por parte da igreja, o que o levaria ao *status* de santo caso fosse comprovado. A historiografia local aponta que esses foram os dois principais eventos para que Triunfo obtivesse o referido nome, sendo os eventos: a Confederação do Equador (no ano de 1824) e a construção da Capela (no ano de 1881).

Nesse trabalho em temas de tempo e espaço do objeto em estudo, pontuaremos alguns aspectos de décadas passadas no Brasil, Paraíba e Triunfo, principalmente nos 1980 e 1990, para entender o que estava acontecendo nesse período, pois é o mesmo tempo que o colecionador Elias Moreira inicia a sua prática de guardar diversos objetos deixados por seus familiares. No Brasil, esse período foi marcado por uma instabilidade política e econômica, o regime militar e ditatorial instaurado desde 1964 ficou enfraquecido, esse esfacelamento abria portas para o país começar a sonhar com novos horizontes. A chamada abertura política se constituiu a partir de uma série de ações as quais possuíam como objetivo realização de uma transição lenta, gradual e segura para a então chamada democracia. *Slogan* este (abertura lenta, gradual e segura) marcou a abertura política. Tal contexto se deu durante o governo do general Geisel, pois este anunciava como pretensão a efetivação do retorno à democracia em resposta aos novos rumos da pressão social para execução de tal finalidade. Em suma, os movimentos grevistas logo se transformaram em greves políticas em oposição à Ditadura Militar porque não existia uma maneira de acabar com a política econômica da Ditadura de Segurança Nacional no Brasil sem que se profligasse o regime militar. Inúmeras pessoas em várias regiões do Brasil se mobilizaram e partiram às ruas no ano de 1984, estas pessoas se organizaram num movimento de massas ansiando a conquista da liberdade, era um objetivo em comum. Cogitava-se uma reabertura política, principalmente a partir dos anos 80, depois de muita luta das classes, o regime daria os primeiros passos para a redemocratização, pois “Em maio de 1985, a legislação restabeleceu as eleições diretas para presidência da república e aprovou o direito de voto aos analfabetos, assim como a legalização de todos os partidos políticos (FAUSTO, 2008, p. 519).

Para Teixeira da Silva (2017) o projeto de abertura iria significar o momento de volta ao Estado de Direito, mas não iria significar exatamente a redemocratização do país, por isso o povo precisaria de algo mais concreto, que legitimasse as garantias dos seus direitos, nesse sentido, Boris Fausto (2008) considera que esse aparato político que seria o marco para por fim dos últimos vestígios do regime militar e reconstituir os direitos sociais e políticos é a constituição de 1988. O período de redemocratização brasileira significaria um enorme avanço para a população que se engajaria em outras lutas em busca de melhores condições sociais. A luta pela liberdade de expressão e o direito de ir e vir agora dava espaço para

pressão social em busca da amenização da desigualdade social, de assistencialismo, garantia de renda e ampliação de oportunidades de emprego. De acordo com José Celso Cardoso Jr. e Luciana Jaccoud (2005, p.198) é no período de democratização que estes programas começam a ganhar densidade institucional, consolidando-se, na década de 1990, uma política nacional de assistência social. Foram criados conselhos para debater, proteger e buscar melhores condições ao cidadão, abaixo veja esses conselhos:

O Executivo Federal conta com conselhos cuja composição é exclusivamente governamental, e que não serão tratados neste trabalho. São eles: o Conselho de Articulação de Programas Sociais, o Conselho Gestor do Programa Bolsa Família, o Conselho Curador do Fundo de Desenvolvimento Social, o Conselho Nacional de Política Cultural e o Conselho Consultivo e de Acompanhamento do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza. Cabe destacar que, além dos conselhos setoriais de políticas sociais, existem ainda os conselhos de direitos que, em que pese não serem objeto da presente análise, têm papel relevante no debate e, em alguns casos, na definição de políticas e programas sociais. São eles: o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Humana, o Conselho Nacional de Combate à Discriminação, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, e o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso. Destaque-se ainda que o governo do presidente Lula criou um colegiado consultivo com atribuição de proposições também no âmbito das políticas sociais: o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. (CARDOSO JUNIOR; JACCOUD, 2005, p. 380).

Essa era a realidade de muitos outros Estados e Cidades do Brasil, então o crachá para ingressar na política e nos melhores empregos de um determinado lugar era justamente o favorecimento através do nome. Á exemplo de diversos municípios da região, a cidade de Triunfo, principalmente entre os anos de 1980 e 1990, enfrentou problemas cujas razões foram apontadas ora como naturais, caso das secas e estiagens que volta e meia assolavam a região, ou por questões políticas administrativas. A agricultura era a base da economia, assim como o meio de sobrevivência de muitos trabalhadores, as plantações de feijão, milho e algodão, este último sendo um dos principais contribuintes para o desenvolvimento econômico, no entanto no período acima relatado, Triunfo passou por uma crise nesse setor algodoeiro, pois:

Certamente não há exagero quando um de nossos interlocutores confia em tom de lamento que o fim das lavouras de algodão se abateu sobre essa região como um verdadeiro desastre, na medida em que os seus efeitos não se circunscreveram a um ou outro indivíduo de forma isolada, mas afetaram toda uma comunidade; de um total de aproximadamente seis mil habitantes que compunham na década de 1980 a população triunfense; todos, direta ou indiretamente foram solapados pelo colapso da produção algodoeira. (MONTEIRO, 2018, p. 31).

Esse lamento sertanejo não é algo excepcional, diversos autores já debatiam esse sofrimento nordestino, por exemplo, Rachel de Queiroz no seu livro “O Quinze” esclarecia que o fenômeno da seca no nordeste é algo desolador, principalmente quando ela elenca às realidades sociais ali presentes:

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapa à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas (QUEIROZ, 1930, p. 15).

Essa dura realidade do nordeste obrigava milhares de nordestinos a deixarem sua morada e sua família em uma jornada para o sul e sudeste do país, tornavam-se retirantes em busca de trabalho que lhes proporcionasse pelo menos um prato de comida.

É certo que a história de um determinado fato pode fazer parte da memória de muitos, entre essas memórias, acabamos nos deparando com o local e objeto de pesquisa, coincidentemente tratado no trabalho de conclusão de curso de Francisco Galdino Monteiro, ao falar da crise da produção algodoeira no município de Triunfo-PB na década de 1980, ele utiliza-se de várias fontes, inclusive fontes orais, partindo da entrevista com moradores desta cidade, entre os entrevistados está o senhor Elias Moreira Silva, contribui para a construção materialista e documental local, assim como para a solidificação da memória social da região.

O sítio Cantinho, que se situa no município de Triunfo-PB é lócus da minha pesquisa. Por aqui já passaram diversas famílias, trabalhadores, empreendedores e pelo imaginário local quiçá teria passado o grupo de Lampião. Em algumas conversas com o senhor Elias, ele falava desse Cantinho, que antigamente era umas das três fazendas existentes na redondeza, Sítio Canto pertencente a cidade de Umari no vizinho Estado do Ceará, bem como a fazenda Recanto e por último a fazenda Cantinho, que permanece até os dias de hoje. As outras duas fazendas provavelmente tiveram sua nomenclatura modificada bem como a própria estrutura local. Segundo relato do senhor Elias Moreira, Cantinho era um local movimentado, tinha mais de cinquenta funcionários na usina de descaroçar algodão, toda semana ia quarenta burros de carga de pluma de algodão para Mossoró, estado do Rio Grande do Norte. Nesse mesmo sítio ainda hoje é mantida a tradição da moagem da cana de açúcar, produção de rapa de gamela e de rapadura, a casa de farinha ainda funciona, fazendo a chamada farinhada, tudo isso promovido nos espaços pertencentes ao senhor Elias Moreira no Sítio Cantinho. As casas de farinha e os engenhos se fazem presentes em muitas partes do Brasil, muitos deles ainda ativos, são patrimônios históricos e culturais, contribuem na economia local e atraem

diversas pessoas de variados localidades em seu entorno. Nos períodos da farinhada e da moagem da cana de açúcar era comum que as pessoas ficassem esperando ansiosas para comer o beiju e degustar a rapa de gamela. Para Beni (1998, p.271), um atrativo turístico corresponde a “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los” e classifica-se em natural, histórico-cultural, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas científicas e contemporâneas e acontecimentos programados. Nesse sentido, são lugares que carregam aspectos culturais, históricos, econômicos e sociais, são poderosas ferramentas de suporte e resgate de costumes e memórias locais. As casas de farinha são os locais onde é produzido a farinha de mandioca e o beiju, a farinha é muito conhecida no interior do nordeste, pois é um acompanhamento indispensável no prato nordestino, principalmente das famílias mais carentes, que muitas vezes passavam necessidade e apenas tinha o feijão com farinha para comer, os adultos tinham consciência da situação e faziam a sua refeição sem reclamar, a recusa na maioria das vezes ficava a cargo das crianças que não queriam comer simplesmente o feijão e a farinha, diante deste fator os pais criaram uma maneira criativa e diferente para tapear as crianças, agora eles iriam degustar algo mais bem elaborado e gostoso, bolinho de feijão, munqueca, capitão, raposa entre outros nomes que possam existir de acordo com a variação linguística local e regional. Segundo Albuquerque (2001), o “falar nordestino” constitui uma língua e sotaques imaginários, que se modificam com o passar dos tempos e por região do Nordeste. Nesse caso, cada região ou cidade desenvolve uma linguagem que se entende como uma variação linguística e não dialetos.

Também presentes na localidade do sitio cantinho, os engenhos apresentavam características similares as casas de farinha, principalmente no sentido de geração de emprego e renda, também eram pilares de sustentação da econômica local, mesmo que em menor proporção na variedades de produtos oferecidos e renda. Eram espaços que reuniam a mão de obra local e se situavam como atrativo turístico, a diferença desses espaços encontrava-se na matéria prima utilizada bem como nos tipos de produtos manufaturados. Dentro dos engenhos, a cana-de-açúcar era transformada em um caldo, era cozido e dele produzia-se o chamado mel de engenho, a rapadura, a rapa de gamela, o caldo de cana e o açúcar, este último presente na economia brasileira há muito tempo, era preciso mão de obra local para atuar desde o corte da cana como nos espaços do engenho, atividades que geravam rentabilidade para os funcionários e os patrões. De acordo com Andrade (2007, p.15):

Na região Nordeste, os primeiros engenhos implantados concentraram-se inicialmente em dois pontos: em Olinda, expandindo-se para o sul, até Penedo e para o norte, até Goiana, chegando até a Paraíba e o Rio Grande do Norte; e em Salvador, se espalhando para todo o Recôncavo Baiano.

Foram, como sabemos, lugares de produção da riqueza açucareira nos tempos de colônia e do império. Nos dias atuais existem dois engenhos no sítio cantinho, um deles com aproximadamente 100 anos, restam apenas vestígios da construção e das ferramentas utilizadas, ao lado desse engenho ainda existe um casarão antigo construído por volta de 1900, passando por reformas básicas de estrutura ela segue sendo habitável, e atraindo a atenção de estudantes, historiadores e inclusive da atriz e diretora cajazeirense Marcélia Cartaxo, que utilizou as dependências do casarão, bem como as paisagens do sítio cantinho para a produção do curta-metragem intitulado “REDEMUNHO”.<sup>1</sup> Hoje é mantido sob proteção das famílias Moreira e Silva, ambas têm a preocupação e o interesse de proteger e manter a possibilidade de resgate da memória viva nos discursos da família e de antigos moradores locais. O outro engenho construído mais recentemente, por volta de 1986, ainda permanece com suas práticas de moagem mantida por Elias Moreira, ele utiliza as suas terras para o plantio da cana de açúcar utilizada no processo. Hoje as práticas realizadas na casa de farinha e no engenho do sítio cantinho são mantidas, essa ação é antes de tudo uma reedição das memórias e das práticas, porém, com sujeitos diferentes. Essas edificações fazem parte da herança de um povo deixado para outras pessoas, são patrimônios materiais por se tratarem de construções visíveis e palpáveis, imateriais por transmitirem valores às próximas gerações. De qualquer forma, esses bens materiais ou imateriais, móveis ou imóveis, servem de documentos, e possuem, para além de seu caráter como testemunhos da história, um valor pedagógico de instrução da comunidade (FONSECA, 2005, p.59). É graças a esse caráter pedagógico que a história e a memória permanecem presentes nas comunidades, no entanto esse processo necessita da atribuição de importância por parte dos sujeitos inseridos nesse contexto social, a narrativa e o compartilhamento de informações tornam-se essenciais para a longevidade das lembranças resgatadas. O imaginário cultural do passado é resgatado, reinterpretado e praticado nos tempos presentes, graças a relação de representação e simbologia atribuídas as práticas familiares e comunitárias dos antepassados. Nessa perspectiva os estudos sobre

---

<sup>1</sup> De acordo com o Radar Sertanejo, O filme que foi rodado em Triunfo, na microrregião, foi lançado em João Pessoa. Trata-se do curta metragem REDEMUNHO, da premiada diretora e atriz Marcélia Cartaxo, com a produção de Heleno Bernardo e teve o apoio do Fundo de Incentivo a Cultura – Augusto dos Anjos, do Governo do Estado da Paraíba e da Prefeitura da Cidade de Triunfo. As gravações foram realizadas na belíssima paisagem do Sítio Cantinho e o cenário principal foi a residência da família Moreira.

imaginário tornaram-se imprescindíveis para produção das formas de ver e sentir as expressões dos tempos passados.

Sandra Pesavento nos possibilita compreender a partir de alguns de seus trabalhos sobre a composição dessa relação do presente com os tempos passados argumentando que o imaginário serve como um mecanismo sistemático que produz ideias e imagens que dão formas aquilo que se apresenta por intermédio do racional e conceitual, científico e sensível.

Segundo Pesavento (2006, p. 12):

[...] o imaginário encontra a sua base de entendimento na idéia da representação. Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela confundir-se, mas tendo nela o seu referente.

Desse modo, o real é tudo aquilo que recebe significado a partir do vivido, do sentido, do representado no tempo e espaço pelo homem. O imaginário nasce também do constructo social, que possui especificidades e configurações que mudam ao longo do tempo. Fazendo uma ligação entre a constituição de 1988 e a Crise dos Paradigmas, discutida no capítulo anterior, fica evidente que a história ganha novos caminhos e uma nova dimensão representativa da realidade do homem em seu tempo a partir também do imaginário e dos seus lugares de memória. Pois é através desses lugares de memória que nascem as imagens e os discursos que a representam, reconstroem e minimizam as falhas da memória, eles são condutores de significados e herança da memória de antepassados, de onde nascem os patrimônios e o cuidado em mantê-los preservados, reivindicando o uso do passado para renovação, reinterpretação e manutenção presente semeando o terreno futuro. Podemos compreender essa interação quando entendermos que:

O passado não é compreensível se não se vai até ele com uma problematização suscitada pelo presente. O historiador não pode ignorar o presente que o cerca, ele precisa olhar em torno de si, ter a sensibilidade histórica de seu presente, para, a partir dele, interrogar e explicar o passado. Ele faz o caminho do mais conhecido, o presente, ao menos conhecido, o passado, para conhecê-lo mais. Ele sabe mais dos tempos mais próximos e parte deles para descobrir os tempos mais longínquos. Esta é a estratégia regressiva do conhecimento, um conhecimento a contrapelo: do presente ao passado. Há um interesse vivo do presente pelo passado, perguntas que ele se faz para se compreender melhor enquanto continuidade e diferença em relação ao passado (REIS, 2012, p. 86).

Como diz Reis, podemos ver que o presente e os suportes materiais que o cercam não podem ser menosprezados no processo de reinterpretação, elaboração e reintegração das

lembranças em torno do processo de produção da história, pois é a partir desses suportes que são resgatados resquícios, restos, resíduos e experiências daqueles que vivem nas localidades. É a preocupação com o seu desaparecimento que se passam a desenvolver um trabalho de conservação em torno dos lugares de memória, com o objetivo de criar recursos de facilitação no momento de reativação de uma lembrança. As ações organizadas e estruturadas por colecionadores das localidades estão intimamente ligadas a uma série de aspectos, características e práticas sociais de indivíduos que viveram nessas localidades. Assim, é o sitio cantinho carregado de dimensões sociais, econômicas, culturais, políticas e religiosas, que estão contidos em uma linha cronológica continua e que assim como as vivências, práticas, costumes e estruturas passam por mudanças, muitas vezes tornando-se lembranças que permanecem atuantes no presente, porém na maioria das vezes possibilitando outras visões.

Quando em 1970 o colecionador Elias Moreira ganhou seu primeiro objeto, deixado pelo seu avô Joaquim Moreira que recomendou o máximo de cuidado e proteção em torno do mesmo, foi nesse momento que se iniciou os primeiros passos da sua coleção. Aos poucos ele foi adquirindo o gosto pela prática de guardar, adquirindo muitos outros utensílios dos mais variados tipos e funções, prática esta que involuntariamente contribuiu para que a memória tenha apoio nos vestígios ligados a esses suportes materiais.

Assim, ao falar nesse trabalho sobre a coleção de objetos do senhor Elias Moreira, queremos situar o leitor no campo da memória e da história oral, descrevendo as possibilidades e estratégias utilizadas pelo colecionador, para que se tenha maior exatidão e suporte na argumentação narrativa, entendendo as especificidades da narrativa do entrevistado, seus lapsos e esquecimentos, bem como sua capacidade de reinterpretção e complementação dos relatos em torno de uma lembrança, o que trataremos de apresentar mais detalhadamente no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO 3 - A COLEÇÃO COMO SUPORTE DA REINTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DO PASSADO**

Esse capítulo tem como objetivo principal apresentar a nossa principal fonte de pesquisa a coleção pertencente a Elias Moreira Alves. O senhor Elias Moreira Alves, nasceu no dia 10 de outubro de 1954, na cidade de Triunfo - PB, e durante sua trajetória de vida morou por diversos lugares: Mossoró, município do Rio Grande do Norte; Fortaleza, estado do Ceará, entre outras localidades no Estado da Paraíba, nos municípios de Cajazeiras, Uiraúna e Triunfo. Atualmente residente na cidade de Triunfo, no entanto, a sua infância foi no Sítio Cantinho, município da referida cidade, foi justamente nesse pequeno lugar que ele começou a sua prática de colecionar objetos. Por volta de 1970, o senhor Elias ganha uma caneta que pertenceu a seu Avô Joaquim Moreira, caneta essa que pertenceu ao Deputado cajazeirense Acácio Braga Rolim, que logo depois de assinarem a ata da reunião que envolvia os líderes do processo de emancipação política da cidade de Triunfo-PB, o referido deputado presenteou o dito senhor Joaquim Moreira com essa caneta. Um objeto que foi crucial naquele momento histórico da cidade, pois durante essa reunião se fizeram presentes políticos e personalidades locais. Segundo Andrade (2017, p. 48), marcou presença o Deputado Acácio Braga, responsável pela apresentação do projeto na bancada legislativa estadual, os senhores Joaquim Moreira e Silva, Raimundo Donato de Oliveira (vereador à época) e Antônio Adriano de Andrade, os quais integraram a comissão responsável pela delimitação geográfica do novo município, assumindo todos os trabalhos burocráticos e a articulação política. Sobre esse acontecimento e o início da sua prática de colecionador, assim relata o senhor Elias:

Eu comecei a guardar esses objetos quando, meu avô me ofereceu uma caneta que era a caneta que tinha sido assinada a ata da emancipação política de Triunfo, ele chegou e me disse, olha meu filho, você é meu neto eu vou lhe oferecer uma lembrança, você não esqueça guarde e fique pra você, essa caneta foi dado pelo Deputado Acácio Braga Rolim da Paraíba, que veio pra Triunfo pra assinar a ata da emancipação política de Triunfo, e por sinal nessa casa que nos estamos aqui, nessa sala foi assinada a ata, ele foi me deu essa caneta e eu guardei, e comecei pensando em objetos principalmente da minha família, comecei a guardar e guardar, ainda hoje tem, gosto de lutar com essas coisas. (Elias Moreira Alves, Colecionador de 68 anos).

**Figura 1** - Caneta Da Coleção De Elias Moreira.



**Fonte:** elaborada pelo autor (2022).

Ex-professor, pai de três filhos, proprietário de algumas propriedades aos arredores da cidade, principalmente no Sítio Cantinho, depois de receber a Caneta e entender o significado que ela carrega, o senhor Moreira passou a querer colecionar os mais variados tipos de objetos antigos pertencentes aos seus familiares. Ele passou a ter um carinho e cuidado por esses materiais, que até hoje são preservados, segundo Elias Moreira no ápice da sua coleção, ele contava com mais de 250 peças, mas algumas delas foram roubadas, e outras ele fez doação para pessoas que, como ele, tinham o gosto de colecionar, ele relata que ficou um pouco desgostoso com os roubos:

Eu tinha mais de 250 peças antigas, é por que roubaram muito, o pessoal levava, teve uma época que eu tive um desgosto, doei umas 100 peças para o Rio Grande do Norte, doei, doei umas 100 peças para o Rio Grande do Norte, eu tinha muita peça do império. (Elias Moreira, 68 anos, Triunfo – PB)

Podemos entender a coleção como a prática de guardar e selecionar objetos que fazem sentido para nossas vidas, ou que fizeram sentido na vida de alguém. Na história o colecionador é um ser que interage na reflexão temporal, e para os historiadores a coleção trata-se da criação de um espaço nutrido de vestígios, que carregam em si dimensões sociais, é uma forma de enriquecer a produção historiográfica, pois:

Colecionar, durante muito tempo, é fabricar objetos: copiar ou imprimir, reunir, classificar... E com os produtos que que multiplica, o colecionador se torna um ator na cadeia de uma história por fazer (ou refazer), de acordo com novas pertinências intelectuais e sociais. Desta maneira, a coleção, produzindo uma transformação dos

instrumentos de trabalho, redistribui as coisas, redefine unidades de saber, instaura um lugar de recomeço, construindo uma “máquina gigantesca” (Pierre Chaunu) a qual tornará possível uma outra história. (CERTEAU, Michel de, 2008, pg. 82).

Manter uma história e tornar outra possível, depende da preocupação em preservar e do interesse pessoal em manter uma coleção ativa com seus diversos objetos guardados, pois assim se tornam fontes materiais, é possível encontrar uma variedade de objetos que remetem a um universo temático histórico interessante, Elias Moreira relata sobre alguns desses objetos:

Tem um carro de boi aqui, que dessa época tem mais de duzentos anos, tem anos, tudo tem um pouco aí do meu povo, deixaram e eu preservei, tem peças de carro de Ford, eu tenho o para brisa mas quebraram, eu tenho uma foto do carro ainda. (Elias Moreira, 68 anos, Triunfo – PB) motores aí antigos, tem máquinas de costurar antiga, tem muitas coisinhas que foram, rádios muito antigos, rádios com cento e cinquenta anos. (Elias Moreira, 68 anos, Cantinho, Triunfo – PB).

São, pois objetos como: armários, baús, rádios, vitrola, televisão, ferro de passar roupa, punhais, moedas, anéis, colares, pistola (inativa), munições balísticas (inativas), relógio, lampião (candeeiro), binóculos, caneta, carro de boi, pilão, fotos, entre outros que foi possível observarmos quando, em uma visita feita no espaço onde fica localizada a coleção. Atualmente a maioria desses objetos encontra-se em sua casa no Sítio Cantinho, constituindo o seu acervo particular. Durante esse processo de produção acadêmica, teve momentos e conversas além das entrevistas, até porque no ato de relatar, na maioria das vezes não é possível lembrar-se de tudo, em algum momento vai aparecer um novo fato uma nova lembrança ou até mesmo faltar, muita informação foi conseguida além das entrevistas, na conversa de beira de estrada ou na conversa de pé de calçada, em uma conversa por mensagem no celular, já que foi essa a condição de abordagem, para esse momento da pesquisa.

Para Portelli (1997, p. 46):

[...] acredito que devemos nos esquecer do mito de obter as informações totalmente completas, ou de esgotarmos nosso assunto com os entrevistados. Sabemos que ninguém consegue obter todas as informações a nosso respeito, portanto, por que o faríamos com eles? Invariavelmente conseguiremos um fragmento daquilo que sabem, um fragmento daquilo que são.

Tudo que é relatado por uma pessoa geralmente passa por um processo de filtragem, nem tudo é dito, e tudo que é relatado é selecionado, muitas vezes no momento da memória fazer essa seleção, ela acaba esquecendo detalhes ou informações. Foi justamente em uma dessas conversas, que o senhor Elias Moreira relatou que tinha achado melhor levar

determinados objetos, pois tinha medo de que a casa fosse invadida novamente e o prejuízo fosse maior. O fato é que seu Elias mora na cidade, e a casa onde a coleção fica guardada está localizada no sítio, então ele fazia esse movimento de ir à casa do sítio passar um tempo e depois voltar para a cidade. Assim, acredito que por ela passar mais tempo na casa em Triunfo e por se tratar da cidade e ter um maior contingente e maior policiamento, ele preferiu selecionar alguns objetos e trazê-los para perto de si. Assim, como diz o entrevistado depois desses roubos naquela residência do sítio cantinho, o senhor Moreira optou por criar estratégias de segurança estruturais da casa, e se viu obrigado a fazer essa mudança de muitos objetos de maior atribuição sentimental e valor monetário para outro ambiente, e para ele se trata de um espaço muito mais seguro. Além dos objetos que foram herdados dos seus familiares, Moreira também conta com peças que foram encontradas quando ele estava arando a terra em sua propriedade no sítio cantinho, então ele relata:

Tem, tem uma época eu encontrei, de lampião mesmo eu encontrei aqui no baixio, aqui, eu cortando é, eu tinha tava fazendo um trabalho de irrigação, que eu sou técnico agrícola e gosto também, tava plantando feijão com aquele sistema de irrigação moderna as pressãozinha simples, pequenininha, e eu tava cortando e na terra la enganchou um objeto no limpador da máquina e eu estranhei por que não tinha pedra, quando eu fui olhar o que era, tava um punhal enganchado no limpador, eu digo oxente, estranho isso aqui, ai eu fui tirei, dei ré na máquina, ai ela caiu ai fui bati era um punhal coisa mais linda do mundo antigo, em torno de cinquenta e cinco centímetros ai eu fui alimpei era prata pura, prata especial. (Elias Moreira, 86 anos, Cantinho, Triunfo – PB).

É possível observar a valorização desses achados, ele aborda justamente o material que compõe a estrutura do punhal, a prata pura, algo que era característico do grupo de lampião era a vaidade, portanto a utilização de materiais preciosos para a confecção de suas armas e outros apetrechos pessoais era bastante comum naquele período. A preocupação da legitimação da fala é constante, o senhor Elias Moreira também me relatou da passagem de Lampião por Mossoró, Uiraúna e Fazenda Feijão, atual cidade de Santa Helena – PB.

Elias Moreira ainda relata: “Eu olhei mais noutros cantos encontrei uma mausa veia antiga, encontrei outro punhal, mas esse tava mais estragado”.

**Figura 2** - Punhais, Munições (Inativas), Arma (Inativa) e Binóculos da coleção de Elias Moreira.



**Fonte:** elaborada pelo autor (2022).

Como disse o entrevistado, depois ao analisar o achado, concluiu que se tratava de antigas armas, que já estavam inativas por muitos anos, pois, estava muito desgastada pela ferrugem. Na entrevista ele não menciona, mas em outros momentos de conversas, o questionei sobre uns cartuchos de bala que eu vi, então ele diz que junto ao punhal e a arma também tinha três munições balísticas. De acordo com seu Elias a arma se tratava de uma Pistola Mauser, datadas do início do século XX, e as munições precisamente de 1912 e 1913, contendo uma descrição DWM. De acordo com o *site* Sala de Armas<sup>2</sup>, a arma correspondente a este tipo de munição na época, é um Fuzil Mauser Brasil-1909 Calibre 7x57, fabricado por DWM, Alemanha em 1909 para o Brasil. O que nos conta o senhor Elias Moreira, sobre os achados de armas e munições é que eram pertencentes ao grupo de lampião, já que no ano de 1927 tinha passado na localidade, como Elias Moreira descreve “Lampião passou aqui em 27”. É provável que o grupo de lampião possa ter passado no sítio cantinho, que tenha descansado nas matas da região, e poderiam ter perdido, escondido ou esquecido esses tipos de armas e munições que só seriam encontradas bem posteriormente.

Muitas cidades do nordeste estão carregadas de história e senso comum, no sítio Cantinho é possível se deparar com relatos dessa tipologia, por exemplo, a história das botijas e da passagem de lampião naquela comunidade é presente na oralidade, principalmente das pessoas mais idosas. Além da atribuição de significados também está atrelado a alguns desses objetos as histórias locais construídas e reelaboradas através dos tempos e dos meios

---

<sup>2</sup> ARMAS, Sala de. **Armas Antigas usadas pelo Exército Brasileiro**. 2019. Disponível em: <https://saladearmas-oficial.blogspot.com/2017/02/armas-antigas-usadas-pelo-exercito.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

colaboradores. São histórias relatadas por moradores e que fazem parte do imaginário local, vale ressaltar que não são novas, mas vindas de tempos passados e de pessoas antigas que tiveram o interesse de contar e passar a informação de um para o outro, assim sucessivamente. Nesse sentido, a história oral torna-se campo essencial no processo de continuação da história por meio da produção de documentos. A narrativa elaborada a partir de uma entrevista é sem dúvida uma das responsáveis pela existência de diversas histórias existentes no Brasil ao lado da escrita e das novas tecnologias de armazenamento e gravação de voz, são de suma importância no processo de guardar e documentar as narrativas ao longo dos tempos.

No sertão nordestino, era comum os relatos de idosos relacionados a botija, era um elemento do além, geralmente associada a histórias que narram encantamentos de tesouros embaixo da terra, deixado por pessoas antigas, e que através dos sonhos aparece para uma pessoa escolhida, mostrando o local exato onde o tesouro foi enterrado, de acordo com relatos dos mais velhos, a pessoa contemplada com a botija, não podia falar para ninguém se não o tesouro virava pó e, quem tivesse a coragem de arranca-la depois teria que ir embora daquela localidade para não ser assombrado pelo resto de sua vida. Em conversa com o senhor Elias Moreira, ele relata que encontrou um tipo de caixa enterrado em uma casa velha onde estava armazenado várias moedas antigas e outros utensílios de valores monetários, ainda de acordo com ele, essa seria a tão conhecida botija. Para ele isso acontecia devido à falta de segurança que rondava as fazendas e sítios, em épocas em que era comum a presença de jagunços, cangaceiros e bandidos, essas pessoas que tinham muito dinheiro e bens materiais valiosos enterravam dentro de potes ou em baús, resguardando-os da possibilidade do roubo. As moedas antigas que hoje compõem a coleção do senhor Moreira, a maioria delas faz parte desse achado por ele relatado. Os punhais que fazem parte da coleção recebem a atribuição de que eram pertencentes ao bando de Lampião, e de acordo com Moreira também fazia parte de alguns achados, essa atribuição era legada ao bando de Lampião, pois de acordo a fonte da história oral, o senhor Elias Moreira, eles tinham passado pelas bandas do sitio Cantinho, assim descrevendo:

Lampião passou aqui em 27, roubou ali na casa de João Adriano, roubou dez mil reis, muito ouro, deu muito em João Adriano e foi pra casa de dona Mariquinha, más chegando lá, lá no alpendre, entrou na sala papai tava na rede, três meses de vida, ela pegou tirou o menino da rede, saiu no alpendre e disse para a turma que não se aproximasse, e não fizesse zoada que ali tinha criança e era Ceará não fosse não que era divisa. (Elias Moreira, 68 anos, colecionador)

É um fato interessante e curioso, não é somente o senhor Elias que faz esse tipo de relato, outros idosos também relatam essa passagem do grupo de lampião por essa região de Triunfo – PB e precisamente passando pelo cantinho em direção a Santa Helena – PB, sobre esses fatos, lembro que minha avó já relatou essa história pra mim, ela dizia assim: lampião andou muito perto aqui do sítio Calabaço, ele passou no cantinho aqui vizinho nosso, mas não veio para essas bandas de cá porque já é Ceará e ele não entrava por respeito a seu padim Padre Cicero Romão, mesmo assim, quando correu a notícia foi um alvoroço, eu mesmo peguei meus filhos e fui me esconder na mata. Neste período relatado como da passagem de lampião, não muito distante dali, na cidade de Uiraúna, a presença de lampião foi relatada e contada em produções documentais, é o caso do livro, *Lampião no Rio Grande do Norte – A história da grande jornada*, escrito por Sergio Augusto de Sousa Dantas (2005), que fala da tentativa de Lampião e seu bando de invadir a Vila de Belém do Arrojado, atual cidade paraibana de Uiraúna, uma tentativa frustrada dos cangaceiros, e uma gloriosa vitória do povo daquela localidade, que conseguiram resistir e expulsar o bando do temido cangaceiro. Diante desses fatos relatados, e considerando a distância de aproximadamente 30 km entre Triunfo e Uiraúna na Paraíba, pode-se dizer que esses relatos estão atrelados a esse acontecimento, pois a história ela ganha enormes proporções quando compartilhadas de um para o outro, as pontas de fios de um acontecimento quando puxados possibilita a reelaboração e a construção de uma nova história. As histórias coincidem sobre a passagem de lampião nessas regiões do Rio Grande do Norte e Paraíba no ano de 1927, como também nos conta o site, TOK DE HISTÓRIA<sup>3</sup> sobre o ataque de Virgulino Ferreira da Silva vulgo Lampião, ao Sítio Juazeiro, localizado na zona rural da cidade de Pau dos Ferros-RN, no dia 10 de junho de 1927. Ainda assim, o foco desse trabalho não é investigar se isso realmente aconteceu, o objetivo é compreender a importância do que está sendo lembrado, e como essa memória é decisiva para a construção da narrativa histórica.

De acordo com Dênis Artur Carvalho (2016), de maneira geral, o punhal tinha forma bastante esguia, longa e fina, as bainhas também eram caprichosamente elaboradas, quase sempre por terceiros, podendo ser de couro ou metal. Então, quando falamos em punhais nordestinos, longos e afiados, nos remetemos logo ao cangaço. As características descritas são as mesmas perceptíveis nos punhais da coleção do senhor Moreira, por isso é atribuído uma possibilidade desses punhais encontrados por Elias Moreira pertencerem ao grupo de lampião,

---

3 HISTÓRIA, Tok de. **O ATAQUE DO BANDO DE CANGACEIROS DE LAMPIÃO AO SÍTIO JUAZEIRO**. 2011. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2011/03/25/o-ataque-do-bando-de-cangaceiros-de-lampiao-ao-sitio-juazeiro/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

tudo isso podemos dizer que se liga aos relatos da passagem de lampião no sítio Cantinho. Mas, por mais que tenhamos informações concretas sobre tais eventos, o principal foco do capítulo não é definir o que é verdade, se aconteceu ou não aconteceu, muito pelo contrário, o trabalho busca eleger os objetos colecionados pelo senhor Elias Moreira, e como eles servem de ferramentas de apoio e de suporte para evocação das memórias locais passadas, ora:

A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. (BOSI, 1994, p.37)

Os depoimentos de Elias Moreira a respeito dos objetos e as lembranças exaltadas por ele é de suma importância para o campo da história oral, bem como outras diversas áreas do conhecimento acadêmico, a análise de suas falas não é no sentido de descobrir os mínimos detalhes de veracidade dos fatos, e sim usar esses discursos para aprofundar-se no campo das novas possibilidades da história oral. Como dinâmica deste trabalho, criou-se um vínculo de aproximação e amizade com o senhor Elias Moreira, agimos dentro do limite para que ele pudesse se sentir muito mais à vontade para falar sobre sua coleção, e assim, nos possibilitar ter acesso à história dos objetos.

Para realização das entrevistas é preciso seguir critérios, e com certeza o respeito a fala do narrador é de extrema importância, desconsiderar e fazer julgamentos relacionados aos relatos, seria fugir da ética acadêmica e do próprio conceito do objeto de estudo da história oral. O trabalho do historiador não se distancia da prática do senhor Elias Moreira Alves, convenhamos que ambas as partes apresentam interesses em comum, de buscar informações e resgatar lembranças, pois de acordo com Paul Ricoeur (2007, p.24), “Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança”. Durante o processo de evocação do passado, existe o fator tempo que deve ser compreendido como o ponto principal de condicionamento de alteração ou reinterpretação de informações, o tempo passado serve como base para construção do presente e do futuro, então é totalmente cabível haver alterações para que não se repita, por exemplo, injustiças e atos de guerra contra a civilização, pois já sabemos as consequências, tudo isso adquirido através das experiências no tempo. Para ser mais preciso, a memória é passível de interpretação e de ressignificação, pois:

Por conseguinte, ela não é um armazém, que por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo, um mero registro; mas é retenção afetiva e “quente” do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo. E os seus elos

com o esquecimento obrigam a que somente se possa recordar parte do que já passou. (CATROGA, Fernando, 2001, p. 21).

Essa ideia de que a memória é retenção afetiva e “quente”, está ligada ao fato de que ela está em constante movimento, recebendo informações, passando informações e refletindo sobre elas, é nesse momento que surge as reinterpretações e ressignificações de interesse daquele que detém a lembrança, por tanto não devemos achar que a memória é algo concreto, puro, imutável e pronta para resgate dentro de um armazém ou memória cofre. É preciso ficar ciente que o passado é uma fabricação que na maioria das vezes recebe intervenção do presente, sendo reelaborado, reinterpretado atualizado com atores do presente, por isso a cada leitura, fala ou escrita a informação está sujeita a interpretações. Através desses objetos antigos, percebemos a preocupação do senhor Moreira de conservar e de manter vivas as lembranças, as tradições, são as memórias locais e familiares. De acordo com Jeanne Marie Gagnebin (2006) nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens, não deixando esses elementos se perderem no vale do esquecimento. Para Ecléa Bosi (1994, p.37) “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança”. É notória a atribuição de valores do senhor Elias Moreira sobre a sua coleção, as suas lembranças são impulsionadas e afloradas através desses objetos, que se tornaram suportes materiais, quando questionado se esses objetos tinha um valor sentimental para ele, a resposta é bem assim:

É só pra isso mesmo, não é que eu diga assim que tem, é tanto que eu não digo nem a ninguém que eu tenho essas coisinhas aqui, por sinal umas pessoas já carregaram um bocado, é pra gente se lembrar do meu tempo, e eu vou embora a qualquer tempo e eu passo aos meus filhos pra ver se eles preservam. (Elias Moreira, 68 anos, Cantinho, Triunfo – PB)

O valor sentimental é atribuído a partir do momento que ele decide guardar esses objetos, quando ele separa um espaço exclusivo para mantê-los seguros e quando se preocupa em repassá-los para seus filhos. Para melhor compreensão do termo coleção e do ato de colecionar, é importante citarmos Maria Cecília França Lourenço, para ela o ato colecionista assenta-se em múltiplas alegações, firmando-se em nome de valores emocionais, estéticos, nacionais, regionais, financeiros, patrióticos, religiosos, exóticos e até mesmo educacionais. Para ela, a palavra coleção associa-se a voluntarismos, “em que um sujeito elege objetos como parte reveladora da sua existência, seja por prazer, capricho, amuleto ou vaidade.” Tais

objetos da coleção guardam alguma relação ou procedência comum e revelam certa obsessão pelo acúmulo e raridade (LOURENÇO, 1999, p.13).

A lembrança é a evocação de um detalhe que passou e que corre o risco de desaparecer definitivamente, por isso se lembrar do passado torna-se uma tarefa muito delicada, onde exige um grande esforço da pessoa que está evocando determinada lembrança, na maioria das vezes essa tentativa se torna frustrante, não apresentando o resultado desejado, por seguinte a precisão dos acontecimentos não vem à tona, pois a memória é evanescente. Seguindo a própria terminologia da palavra “Evanescence”<sup>4</sup> é possível compreender o quanto é complexo os caminhos da memória que passa por momentos de incertezas, mudanças, reinterpretações e está sujeito ao desaparecimento. A memória é uma das qualidades extraordinária dos seres humanos, possui um sistema codificado de armazenamento, manipulação, resgate e evocação de informações.

A memória é, segundo Chauí (2000, p. 126), “inseparável do sentimento de tempo ou da percepção e experiência do tempo, como algo que escapa ou passa”. Nesse sentido, podemos compreender que a memória não possui um certificado de perfeição, pois ela está fadada a problemática da perda parcial ou completa do acesso às informações, é um fato impossível de controlar já que os lapsos e falhas da memória estão inevitavelmente ligados ao envelhecimento, trajetória que todos os seres humanos enfrentam no seu ciclo de vida, pois é um processo natural de todo ser humano. Como nos afirma Jacques Le Goff (1924, p.476) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Ou seja, o ato de lembrar é particular de cada indivíduo ou grupo, cabe a eles escolher o que deve ser lembrado, guardado, apagado ou compartilhado.

Uma coleção é o significado prático de quem se importa com a história, pois cria um elo entre passado e presente, constrói uma ponte que faz a intermediação dessas informações, é compreensível defini-la como uma máquina do tempo, uma ferramenta que possibilita o ser humano viajar para o passado, futuro e retornar ao presente, possibilitando que esse indivíduo passe por tempos diferentes e reflita sobre diferentes realidades. Na prática, a coleção é suporte de memória, que proporciona uma viagem mental e imaginária no tempo, tendo como material base os objetos da coleção, cuja função é levar as pessoas para repensar, reinterpretar, construir suas próprias representações dos mais variados tempos e acontecimentos.

---

<sup>4</sup> No dicionário online de português, a palavra significa algo que se esvai ou esvaece, coisa cuja existência é efêmera, de curta duração, que se dissipa.

De acordo com Eclea Bosi (1995), na maioria das vezes quando evocamos uma lembrança, não significa dizer que estamos revivendo aquele momento como aconteceu um dia, mas estamos refazendo, reconstruindo e repensando com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A coleção tem função similar a álbuns de família, quem cria álbuns também estão criando gatilhos de memória, pilares de sustentação da lembrança que colaboram no processo de rememoração, e geralmente são repassados de geração para geração. O apagar da memória no sentido individual é a única certeza de cada ser humano, por essa razão muitas pessoas costumam criar suportes para retardar a possível perda de memória e também como forma de auxílio no exato momento de evocá-las e compartilhá-las, os acervos, os museus, os álbuns e as coleções são exemplos dessa preocupação de lembrar bem e repassar essas lembranças. Diante do exposto, podemos definir o senhor Elias Moreira como uma espécie de guardião da memória, pois:

Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição. Não por que tenha uma especial capacidade para isso: é seu interesse que se volta para o passado que ele procura interrogar cada vez mais, ressuscitar detalhes, discutir motivos, confrontar com a opinião de Amigos, ou com velhos jornais e cartas em nosso meio. (BOSI, p.82)

O senhor Moreira desempenha a função de guardião do tesouro espiritual da comunidade, da sua família e do lugar social do mesmo. A sua coleção desempenha a função de suporte da memória, ajudando na reativação das lembranças, quando questionado sobre a importância desses objetos o entrevistado, Elias Moreira Alves, responde o seguinte “Importância só pra lembrar, só pra mim lembrar, é memória, só memória, a lembrança do meu bisavô antigo, as vezes tem importância assim, gente já veio comprar aqui, eu não vendo não”.

Os objetos são como amuletos e carregam valores simbólicos e sentimentais, a coleção constitui um tipo de gatilho que ativa as lembranças do passado presentes nas entrelinhas dos objetos, por isso existe uma preocupação em mantê-los seguros, caso haja o abandono ou a perda desses suportes, também estará perdendo parte das lembranças. A memória que tratamos aqui, ela se apoia no vivido, nos vestígios, nos restos, no material e naquilo que é sensível a ativação da lembrança humana.

A memória só poderá desenvolver a sua função social através de liturgias próprias centradas em reavivamentos que só os traços-vestígios do que não existe são capazes de provocar. Portanto o seu conteúdo é inseparável, não só das expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objectivação – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem e transmitem:

o que mostra que ela nunca se desenvolverá, no interior dos sujeitos, sem suportes materiais, sociais e simbólicos de memórias. (CATROGA, Fernando, 2001, pg. 23).

As narrativas em torno dos objetos de uma coleção devem ser entendidas como fontes capazes de promoverem uma análise do imaginário social passado, com atributos e colaborações da história do presente. Tudo aquilo que compõe a coleção é de fato material capaz de desenvolver e aflorar lembranças no interior de cada sujeito é a partir desses suportes que o colecionador busca reconstruir suas experiências de vida, através da rememoração do passado individual e coletivo, selecionando os acontecimentos que pretende colocar em evidência no momento de compartilhamento. O colecionador sabe da importância que os objetos representam, principalmente para ele, o que fica claro na fala do senhor Moreira:

Valor, valor quase não existe pra o mercado, mas pra mim, meu sentimento de guardar é incalculável, eu poderia até doar pra um museu, mas eu não vou doar não porque eles jogam fora, só se for um museu oficial tivesse um futuro, deixar isso aqui pra ficar para os jovens que vem ai no futuro, mas o valor é incalculável pra mim né. (Elias Moreira, Cantinho, Triunfo – PB).

Assim, a coleção do senhor Elias Moreira Alves, em conjunto com a narrativa resgatada na memória, trazem à tona lembranças que constituem funções importantes dentro da história, buscando a reinterpretação, revalorização do passado para servir o presente e posteriormente, o futuro, nestes aspectos podemos identificar a importância da memória evocada pelas experiências vivenciadas em sociedade, como explica Le Goff (1924, p.477) “A memória, onde cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”

A memória é uma ferramenta de modelagem e de ensinamento para as ações humanas no presente e no futuro, a capacidade dos indivíduos em refletir sobre os erros dos antepassados, complementa a vontade de outros nos acertos do presente. Desde os tempos mais antigos podemos observar a preocupação com os detalhes das informações, e se sabemos muita coisa sobre quase tudo é graças a preocupação humana em criar meios de registrar e guardar os acontecimentos. O ser humano é em si próprio a história, como define Marc Bloch: “A história é a ciência que estuda o homem e sua ação no tempo” (BLOCH, Marc, 2002, p.55). Então a história é uma rede de informações que liga o homem, tempo, espaço e memória. Automaticamente, fazemos parte dessa teia, exercendo determinadas funções que contribuem de forma voluntária ou involuntária no processo histórico.

Nesse sentido não é errôneo elevar a coleção do senhor Moreira ao título patrimônio particular e coletivo da comunidade, ainda mais se considerarmos as definições sobre patrimônio feitas posteriormente a promulgação da Constituição Federal de 1988, que fala dos bens a serem considerados como patrimônio cultural brasileiro, houve uma ampliação, no seu artigo 216, o qual define como “patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (CF/88, art. 216). Nesse sentido, a coleção do senhor Moreira se encaixa nessa definição, pois apresenta um legado digno de compartilhamento de informações para as próximas gerações, carregando aspectos culturais e sociais formadores do imaginário, do real, do coletivo, do individual e principalmente carregada de possibilidades da construção de sua identidade, de sua família, e do seu entorno social.

Sobre os objetos que constituem a coleção do senhor Elias Moreira, não nos foi possível, no momento dessa pesquisa e em sua condição, em tempos de pandemia do corona vírus (COVID-19), realizar um levantamento preciso sobre um número exato de objetos, mas fala-se algo em torno de mais de 100 peças, é o que relata o senhor Elias Moreira “Tem uma quantidade ainda, não é muito não, mas, chega a umas cento e tantas peças ainda do museu”, fato é que todas as peças estão intimamente ligadas à acontecimentos.

Observando a história presente nos objetos nos chama atenção os rádios. Eles representam um período de avanço tecnológico no mundo e no Brasil, foi e ainda é para muitos um importante instrumento no contexto de disseminação de informação e de entretenimento. Na cultura sertaneja e paraibana, logo de manhã bem cedinho, após o cantar do galo, já se ligava o rádio, “Bem, o brasileiro acorda... e liga o RÁDIO! Daí em diante, ele não é mais o mesmo - os acontecimentos considerados destaques de sua cidade, país ou do mundo, chegam-lhe através do seu noticiário radiofônico preferido” (BLOIS, 1996, p. 13-14).

**Figura 3** - Lâmpião e Rádios Antigos da Coleção de Elias Moreira.



**Fonte:** elaborado pelo autor (2022).

É interessante observar que muitos objetos pertencentes a coleção do senhor Elias Moreira transmite uma ligação com o poder de posse das famílias mais estruturadas financeiramente, o rádio é um desses objetos, pois, quando foram lançados a população mais carente não tinha condições de o possuírem. O rádio era a grande atração e novidade.

Também merece destaque na história do trabalho da região o descaroçador de algodão, que se remete a época da bisavó do senhor Elias Moreira, dona Mariquinha, proprietária que tinha muita riqueza e participava ativamente da produção algodoeira daquela época, século XIX. O velho carro de boi, ali guardado, relembra um dos meios de transportes utilizados pelas pessoas, bem como para a carga de produtos, como a cana de açúcar, o algodão, o milho e o feijão, cultivados em suas propriedades.

**Figura 4 - Carro de Boi Antigo.**



**Fonte:** elaborado pelo autor (2022).

O velho pilão de pisar café e milho, utilizado para preparar o milho para o mungunzá, fubá, pão de milho e além de pisar os grãos de café depois de torrado, isso em várias regiões do país, principalmente no período colonial, de acordo com o site Caminhos da Roça<sup>5</sup>, foi um utensílio que possibilitou experiências de vida, de etnias, de culturas, a miscigenação de sabores, formas e aromas.

O senhor Elias guarda o para-brisa do Ford 23 assim como a foto desse carro, que veio de Campina Grande na Paraíba, Elias conta que naquele tempo o motorista era chamado de *Chofer*, ele fala assim:

Peças do carro da minha bisavó na época, um Ford 23, coisa mais linda do mundo, foi desmanchado na época, fiquei com algumas coisas desse carro, a manivela macha, fiquei com dois aros dianteiros e fiquei com a foto do carro, andei nesse caro, uma charrete, cortaram ao meio e fizeram uma charrete da traseira do Ford. (Elias Moreira, 68 anos)

As peças do carro Ford que restaram, e que fazem parte da coleção, retrata um de meio de transporte que naquele período representava um avanço no setor automobilístico mundial e nacional, e as pessoas ou famílias que possuíam esse tipo de transporte no período retratado

---

<sup>5</sup> MARQUES, Evandro. **Pilão: artefato de origem remota muito popular no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://www.coisasdaroca.com/coisas-antigas-da-roca/pilao.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.

entre século XIX e XX eram considerado um grupo privilegiado e rico, como cita o senhor Elias Moreira “Vovô casou com Maria Cecília de Andrade, que era filha de dona Mariquinha aqui no Cantinho que era muito rica esse povo, naquele tempo em 17”. Assim, torna-se admirável o potencial que esses objetos têm em despertar e proporcionar uma enorme variável de temas e possibilidades de debates.

**Figura 5 - Aro do antigo Ford da família Moreira**



**Fonte:** elaborado pelo autor (2022).

Os engenhos são uma marca registrada no sítio cantinho, no passado dos antigos moradores e no presente dos atuais, os que estão desativados carregam consigo vestígios e lembranças que podem ser resgatadas, imaginadas e compartilhadas, os que estão em atividade, são frutos plantados pelo resgate do passado, e que hoje é possível encontrá-los em atividade no sítio cantinho, graças ao passado que serve ao futuro importantes lições, essa prática só é mantida até os dias de hoje pelo interesse e importância que o senhor Elias Moreira Alves atribui aos engenhos.

**Figura 6** - Prensa de massa de mandioca



**Fonte:** elaborado pelo autor (2022).

Essa ferramenta retrata um pouco sobre o trabalho das pessoas nas casas de farinha, a imagem acima é uma prensa antiga, a qual, de acordo com o senhor Elias Moreira, era utilizada para prensar a massa da mandioca ralada e tirar o excesso de água, depois desse processo a massa ia para o tacho para ser torrada, ainda de acordo com ele, é uma ferramenta que tem uns 80 anos.

**Figura 7** - Engenho atual



**Fonte:** elaborado pelo autor (2022).

Na imagem acima o senhor Elias Moreira encontra-se no processo de lubrificação das engrenagens da engenhoca, ele se prepara para moer a cana de açúcar entre os dias 10 e 11 de setembro de 2022. De acordo com o colecionador, essa prática de ter engenhos já é bem antiga da família, e ele só segue o que viu e o que aprendeu e o que gosta de fazer.

**Figura 8** - Roda de tração manual



**Fonte:** elaborado pelo autor (2022).

Diferentemente do engenho atual do senhor Elias Moreira, que é mecanizado, antigamente os engenhos tinham diferentes forças de tração para a moagem da cana de açúcar, e de acordo com o colecionador, essa roda era de tração humana, e ela tem aproximadamente 150 anos, Elias Moreira fala sobre essa ferramenta antiga “olha aqui tem aqui, mais de 150 anos a 200 anos, ai é a roda antigamente, no lugar do motor os homens puxava no braço”.

O que será dessa coleção futuramente? O futuro dessa coleção vai depender da vontade das gerações futuras, se irão manter a prática de colecionar e de passar adiante a história por trás desses objetos. O senhor Elias Moreira se preocupa bastante com essa continuidade da coleção, ele cita que estaria de total acordo se caso a prefeitura e a Secretaria de Cultura do município criassem um museu público, mas que não tivesse nenhum jogo de interesse, devendo ser um patrimônio para o povo resgatar suas origens.

Meu pensamento era que o prefeito doasse um terreno pra o ministério da cultura que existe dinheiro pra isso, fazer um prédio pra um museu que não tivesse dono, que ficasse pras comunidades, para os jovens futuros ver, que se ficar pra prefeitura, digo sem medo, um prefeito entra pra ajudar e outro entra pra acabar. (Elias Moreira, 68 anos, colecionador, Triunfo – PB).

Fica evidente na fala do senhor Moreira a vontade de doar esses objetos para criação de um museu, ao mesmo tempo em que existe um receio e uma preocupação em relação aos cuidados que irão ter com essa coleção, nesse caso ele prefere deixar esses objetos sob proteção dos filhos. Este trabalho faz parte de uma produção pensada no contexto social, local e histórico, visando a colaboração para futuros trabalhos relacionados ao tema, com foco na contribuição que a coleção do senhor Elias Moreira representa para a produção histórica local. É importante que entendam que esse espaço, trata-se de um lugar de memória, pois carrega uma multiplicidade de fatos, práticas, vivências, culturas e significações, e precisa no mínimo da vontade individual de um para que se mantenha viva a memória de muitos. A coleção é um tipo de documento que possibilita a legitimação da história, esses objetos carregam resquícios do passado, nesse sentido para Karnal e Tatsch (2009, p. 21) “[...] um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época. Isso introduz no conceito de documento um dado importantíssimo: o documento existe em relação ao meio social que o conserva”.

A permanência e a resistência cultural e social de uma comunidade ao longo dos tempos, depende da criação de suportes e lugares de memória que possam guardar e salvar os acontecimentos, o mais importante é que esses materiais carregam dimensões sociais e junto ao discurso individual ou coletivo de pessoas de uma localidade é possível resgatar, rememorar, analisar e reconstruir diferentes visões de mundo tudo isso pautado na formas existentes de registro histórico e a coleção do senhor Elias Moreira constitui uma dessa possibilidade pois para Le Goff (2003, p. 537): “O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento... que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente”.

A coleção ainda hoje conta com uma diversidade de objetos que permanecem competentes no processo de análise e produção historiográfica, o discurso do senhor Moreira é uma poderosa ferramenta nesse processo, além de incentivar e motivar as próximas gerações sobre a importância dessa prática de colecionar. Este trabalho adentrou no campo da história local, social, cultural, desbravando a história memória e a história oral, e o resultado é uma

produção historiográfica que abrange ainda mais os campos das possibilidades e interage para novos trabalhos acadêmicos, assim como para a permanência dessa história ao longo dos tempos, para Minayo (2010) a relação do entrevistador e do entrevistado é vista como uma característica central da entrevista qualitativa é o caso dessa pesquisa, que permitiu a negociação de visões da realidade resultantes da dinâmica social onde os participantes constroem conhecimento e procuram dar sentido ao mundo que os cerca. Para Portelli (1997), a história oral se inicia na oralidade, no momento que o entrevistado expõe a sua narrativa, mas ela segue em direção ao texto escrito do historiador, e é por meio dessa produção que se é possível perpetuar impressões, vivências, lembranças de indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas discussões e leituras realizadas para esse trabalho, podemos perceber que a quebra de paradigma e o surgimento da Nova História possibilitou uma atualização e ampliação das formas e métodos de abordagem histórica. Sendo assim, as pessoas comuns e as fontes não escritas que viviam nas sombras de uma história oficial, começam a desfrutar das luzes de uma história mais ampla, diversificada e principalmente com contribuições de uma história vista de baixo.

Assim sendo, diante das narrativas apresentadas no decorrer deste trabalho, embasadas nos discursos de diferentes autores que dialogamos, bem como o trabalho de campo e a realização de entrevista com o senhor Elias Moreira Alves e adentrando no espaço de sua coleção, podemos concluir que a quebra de paradigmas entre a história oficial e a nova história, ampliou de fato o campo das abordagens históricas, de maneira pragmática, esse trabalho é exemplo da nova forma do fazer histórico.

Pudemos constatar, que a prática de colecionar é um atributo essencial para memória humana, pois esta, de forma atrelada ao discurso de quem coleciona, amplia e dá maior legitimidade ao que é lembrado. Ao trabalhar com história e memória, conseguimos relacionar o ato de colecionar com o processo de rememoração do passado, compreendendo a eficiência da criação dos lugares de memória que estão ligados aos suportes materiais e imateriais.

O diálogo estabelecido entre os diferentes campos de abordagem historiográfica, bem como a: história oral, memória, historiografia, história local, história social, nos permitiu entender que essa relação entre a coleção e a fala do colecionador contribui na rememoração de acontecimentos dentro de um contexto social e local. Em outras palavras, a pesquisa: colecionando memórias: Cantinho de recordação, Colecionando Memórias: O acervo de Elias Moreira 1970 a 2020, envolve uma abordagem que relaciona a história, a memória, o objeto e a entrevista, concluindo que essa relação pode contribuir no processo difusão de informações, rememoração de lembranças passadas e na construção de uma identidade local, regional e nacional.

Portanto relacionamos alguns aspectos e eventos sociais em torno da localidade do colecionador, evidenciando e interligando esses acontecimentos ao contexto social em que cada objeto estava inserido no passado. Assim foi possível compreender, que, como outras pequenas cidades do interior do nordeste, Triunfo apresenta grande legado cultural ligado à religiosidade, política e economia, são traços marcantes do município, que marcaram sua

construção histórica. Triunfo é a terra do Menino Deus e culturalmente todos os anos nos dias 15 a 25 de dezembro é celebrado as novenas em sua homenagem, nesse mesmo mês é celebrado a festa emancipação política de Triunfo que ocorreu no ano de 1961, já no dia 17 do mês de outubro é celebrado a festa cívica e respeitado o feriado municipal em homenagem a confederação do equador.

Nesse trabalho em termos de tempo e espaço do objeto em estudo, também pontuamos alguns aspectos de décadas passadas no Brasil, Paraíba e Triunfo – PB, principalmente nos 1980 e 1990 para entender o que estava acontecendo nesse período, pois é o mesmo tempo que o colecionador Elias Moreira inicia a sua prática de guardar diversos objetos deixados por seus familiares. No decorrer do trabalho e da pesquisa foi ficando forte a questão sobre como podemos caracterizar o Elias Moreira e seu ato de guardar, colecionador, guardião, admirador ou apreciador, enfim, é por meio dos objetos de sua coleção que pudemos perceber a diversidade histórica, local e cultural do passado a que esses objetos remetem, e que muitas localidades ainda carregam esses valores, e lutam por um lugar de destaque e perpetuação da memória.

Portanto esse trabalho faz parte de uma produção que foi pensada no contexto social, local e histórico, visando também a colaboração para futuros trabalhos com temáticas similares a essa, foi colocado em foco a coleção do senhor Elias Moreira Alves e o que ela representa no processo de contribuição de produção histórica local, pois tratamos de um espaço que carrega em si, múltiplos aspectos e dimensões culturais e sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Wlisses Estrela de Albuquerque. **São João na colônia e no império: fazenda, povoado e vila (1691-1889)**. Teresina, PI: Gráfica e Editora Halley S.A., 2015.
- ANDRADE, Erika Vanessa Lisboa. **“Os Quarenta”:** **Tradição e identidade de uma comunidade negra na cidade de Triunfo-PB da década de 1950 aos dias atuais.** (Monografia de Licenciatura Plena em História). Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras 2013.
- ANDRADE, José Ribamar de. **Processo político da cidade de Triunfo (Da violência à alternância de poder 1961-1996)**. (Monografia de Licenciatura Plena em História). Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 1999.
- ANDRADE, Antônio Aurélio Cassiano. (Org). **Triunfo em Picadas: e o fim da Confederação do Equador**. Campina Grande, PB: EDUFCEG, 2008.
- ALBUQUERQUE, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Editora SENAC, 1998.
- Bloch, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador / Marc Bloch**; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CARTAXO, Rosilda. **Estrada das boiadas** (Roteiro para São João do Rio do Peixe). João Pessoa, PB: NOPIGRAL – Nova Paraíba Industria Gráfica Ltda, 1975.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CONSTANTINO, Núncio Santoro. **O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local**. Revista Unisinos, São Leopoldo, n. 10, 2004.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, História Oral: **Memória, Tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- Dicionário de Conceitos Históricos** - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo; 2006.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MinC/IPHAN, 2005.

FROCHTENGARTEN, Fernando, **A memória oral no mundo contemporâneo**, Estudos avançados 19 (55), 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie, **Lembrar escrever esquecer** / Jeanne Marie Gagnebin — São Paulo: Ed. 34, 2006. 224 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HOSBAWN, Eric. **Sobre Historia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JACCOUD, Luciana (org.) **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo**. Brasília – DF, IPEA, 2005. Cap. 5

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. Documento e história, **A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem o moderno**. São Paulo: Edusp, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

**Memória, História e Historiografia**, (CATROGA, Fernando), 1ª edição, Coimbra, Outubro de 2001.

MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação**. In: \_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

MONTEIRO, Francisco Galdino. **A crise da produção algodoeira no município de Triunfo – PB na década de 1980** / Francisco Galdino Monteiro – Cajazeiras, 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Proj. História*, São Paulo, nº 10, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.). **História e Literatura: Identidades e Fronteiras**. Uberlândia: Edufu, 2006. p. 11-27.

PORTELLI, A. **O massacre de Civitella Val di Chiana** (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In: AMADO J. FERREIRA, M. de M. (Org). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

REIS, José Carlos. **Teoria e História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro** / José Carlos Reis. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In: \_\_\_\_. **A memória, a História, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Crise da Ditadura Militar e o Processo de Abertura Política no Brasil (1974-1985)**. In. FERREIRA, Jorge, et. Al. O Tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. 3º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

## SITES E BLOGS

Dados disponíveis em: <http://triumfohistoria.blogspot.com/2010/07/processo-politico-da-cidade-de-triunfo.html>. Acesso em 06/06/2022.

Dados disponíveis em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico>. Acessado em 06/06/2022.

Dados disponíveis em: <http://triumfohistoria.blogspot.com.br/> Acesso em 25/07/2022 as 21:11 hs

Dados disponíveis em: [http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu\\_anais/anais/cultura/casasdefarinha.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/anais/cultura/casasdefarinha.pdf) Acesso em 28/07/2022 as 20:20 hs

Dados disponíveis em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI\\_coloquia\\_t5\\_engenhos\\_acucar.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquia_t5_engenhos_acucar.pdf) Acesso em 29/07/2022 as 11: hs

Dados disponíveis em: <http://www.cajazeirasdeamor.com/2016/02/> acesso em 01/08/2022

SERTANEJO, Radar. Lançado filme da diretora Marcélia Cartaxo gravado em Triunfo, no Sertão. 2016. Disponível em: <https://www.radarsertanejo.com/2016/02/26/lancado-filme-da-diretora-marcelia-cartaxo-gravado-em-triunfo-pb/>. Acesso em: 08 ago. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: [Constituição \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br) Acesso em 06/08/2022

Dados disponíveis em: [Acervo ou coleção? - A Formação da Coleção do Banco Central \(library.org\)](http://www.library.org) Acesso em 09/08/2022 as 02:01 hs

BLOIS, Marlene M. O rádio nosso de cada dia. Comunicação & Educação. São Paulo, v. 2, n. 6, 1996. Disponível em: [Vista do O rádio nosso de cada dia \(usp.br\)](http://www.usp.br) acesso em 09/08/2022 as 05:26 hs

Dados disponíveis em: [Pilão: artefato de origem remota muito popular no Brasil \(coisasdaroca.com\)](http://coisasdaroca.com) acesso em 09/08/2022 as 06:01 hs

Dados disponíveis em: [Sindicalismo docente: a luta dos professores da rede pública estadual no Recife no período da transição democrática \(1library.org\)](http://1library.org) Acesso em 09/08/2022 as 22:30 hs

Dados disponíveis em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4854764/mod\\_resource/content/0/JACCOUD%2C%20Luciana%20et%20al.%20Quest%C3%A3o%20social%20e%20pol%C3%ADticas%20sociais%20no%20Brasil%20contempor%C3%A2neo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4854764/mod_resource/content/0/JACCOUD%2C%20Luciana%20et%20al.%20Quest%C3%A3o%20social%20e%20pol%C3%ADticas%20sociais%20no%20Brasil%20contempor%C3%A2neo.pdf) Acesso em 08/08/2022 as 21:00 hs

Dados disponíveis em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2014/a-evolucao-das-politicas-sociais-no-brasil.pdf> Acesso em 08/08/2022 as 19:30 hs

Dados disponíveis em: [454-Texto do Artigo-1858-1-10-20131231.pdf](#) Acesso em 06/08/2022 as 23:11 hs

Dados disponíveis em: [Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania \(ufg.br\)](http://ufg.br) Acesso em 05/08/2022 as 22:30 hs

## APÊNDICES

### Apêndice 1 - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no “Cantinho de Recordações, Colecionando Memórias, a prática de guardar - o Acervo de Elias Moreira, de 1970 a 2020”, coordenado pela professora Silvana Vieira de Souza vinculado a Universidade Federal da Paraíba-UFCG-CFP.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral: Estudar a memória histórica a que se reportam os objetos que fazem parte do acervo do colecionador Elias Moreira, em consonância com seus relatos, compreendendo a importância e a sua influência na construção de uma memória coletiva, contribuindo no processo de recordação do passado e auxiliando na construção narrativa do presente, e como objetivos específicos: Conhecer a coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira e através dos relatos compreenderem a importância dos objetos no auxílio da memória; Analisar a influência da coleção de objetos antigos do senhor Elias Moreira na construção das narrativas; Discutir sobre as diferentes possibilidades de interpretações e significados da memória; Compreender como a, pratica de colecionar, pode contribuir no processo difusão de informações e rememoração de lembranças passadas; Conhecer conceitos em torno da memória, na perspectiva de diferentes autores. Sua participação se faz necessário por que irá contribuí bastante no que diz respeito ao conhecimento social, local, cultural e memorialístico, contribuindo para produção historiográfica e no processo de recordação do passado, auxiliando na construção de uma narrativa histórica.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: você será submetido a sessões de gravações de entrevistas a partir do roteiro semi estruturados das questões relativas a temática. Os riscos envolvidos com sua participação são: De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Com relação a este estudo os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados a possível constrangimento ou desconforto os quais caso ocorram procuraremos minimizá-los. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade,

destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Serão informados, ainda, sobre os benefícios que podem resultar do presente estudo. Os benefícios da pesquisa serão: Aumento do conhecimento sobre o assunto explorado no presente projeto, assim como uma ampliação da sua visão de mundo, possibilitando novas reflexões e novos conhecimentos, incentivando na valorização e na importância do assunto abordado, promovendo novos conhecimentos, abrindo possibilidades para novas pesquisas e novos estudos sobre o tema: “Cantinho de Recordações, Colecionando Memórias, a prática de guardar - o Acervo de Elias Moreira, de 1970 a 2020”, ampliando a produção e atribuindo grande relevância para a produção da historiografia local do sitio cantinho município da Cidade de Triunfo-PB.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Souza, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Silvana Vieira de Souza

**Instituição:** UFCG

**Endereço Pessoal:**

**Endereço Profissional:** Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/n - Populares, Cajazeiras - PB, 58900-000.

**Horário disponível:** 7h às 11h e das 14h às 17h.

**Telefone:** (88) 9 8802-5239

**Email:** [brunofcarlos@hotmail.com](mailto:brunofcarlos@hotmail.com)

**Dados do CEP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado na rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB;**

**CEP:** 58.900-000.

**Email:** [cepcfpufgcz@gmail.com](mailto:cepcfpufgcz@gmail.com)

**Tel:** (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

**Cajazeiras-PB 19, de maio de 2020.**

---

Assinatura ou impressão datiloscópica do  
voluntário ou responsável legal

---

Nome e assinatura do responsável pelo  
estudo

## Apêndice 2 – Questionário

1. Qual o seu nome?
2. A sua data de nascimento?
3. Lugar onde de nasceu?
4. Morou em algum lugar diferente ao longo de sua vida?
5. O senhor tem filhos?
6. O senhor estudou até que série?
7. Com quantos anos o senhor começou a trabalhar?
8. Já chegou a trabalhar como professor do município?
9. O senhor tem uma coleção de objetos antigos?
10. Quando foi que o senhor começou a guardar esses objetos?
11. Qual o valor desses objetos para o senhor?
12. Qual o objeto mais antigo da sua coleção?
13. Essa coleção ajuda a você a lembrar-se dos fatos passados, das pessoas do passado?
14. O senhor já falou dessa coleção par os seus filhos?
15. O senhor poderia descrever alguns dos objetos que faz parte da coleção?
16. O que o senhor pretende fazer com a coleção no futuro?

### Apêndice 3 - Transcrição Da Entrevista

Entrevista realizada por Bruno Teixeira Carlos, dia dois do oito de dois mil e vinte e dois, às vinte horas e trinta e oito minutos, na residência do senhor Elias Moreira Alves.

**Bruno: Qual o seu nome?**

**Elias Moreira:** Meu nome é Elias Moreira Alves, uns conhecem como Moreira.

**Bruno: A sua data de nascimento?**

**Elias:** Nasci no dia dez de outubro de cinquenta e quatro.

**Bruno: O lugar de nascimento?**

**Elias Morira:** Nasci no sítio Cantinho mermo, ali vizinho ao estado do Ceará.

**Bruno: Morou em algum lugar diferente ao longo de sua vida?**

**Elias Moreira:** Morei em muitos, quando eu saí pá servir o exercito em Mossoró, aí, lá eu fui embora, não fiquei não. Aí fui pá Fortaleza, fiquei uns tempo por lá, voltei, vim pro Uiraúna, no Uiraúna não deu certo, fui pá Cajazeiras aí de Cajazeiras voltei pra Uiraúna de novo, aí conclui meus estudo em Cajazeiras rodando. Aí depois fiz concurso pra o estado e fui trabalhar na CELPA, e fiz concurso pra professor do estado, passei também, deixei a CAELPA e fiz concurso pra professor do Estado passei também, deixei a CAELPA e fiquei no estado como professor, de ciências.

**Bruno: O senhor tem filhos?**

**Elias Moreira:** Tenho, aí fui eu casei com a menina de Uirauna, que era colega da gente de colégio, do casamento nasceram três filhos Eriston, hoje ele é formado em letras e Morgana que é formada em nutrição, e é, e Erica que é formado em direito. Os três filhos graças a Deus.

**Bruno: O senhor estudou ate que serie?**

**Elias Moreira:** Fiz técnico agrícola, fiz tecnico superior engenharia agronomo né? e não conclui porque, fiz três períodos, nao quatro períodos, e tranquei a matricula não terminei, ai eu fui pá agricultura, tecnico em agricultura federal, aí terminei. Fiz científico e fiz contabilidade, tudo eu fiz. Era muito complicado pra gente estudar, não podia pagar carro.

**Bruno: Com quantos anos o senhor começou a trabalhar?**

**Elias Moreira:** Trabalhei muito na roça, com dezesseis anos ja fazia tudo, tirava leite, trabalhava em algodão, trabalhava tudo aí, estudar, e continuei a vida trabalhando no Armazém Paraíba, passei treze no armazém Paraíba estudando, trabalhando durante o dia e estudando a noite, sem ter que me desse um nada, porque meu pai, eu não vinha pra cá pedir porque era longe e num queria aperiariar meu pai, ja vivia da agricultura também, mas graças a Deus, to bem, não tem arrependimento porque não fiquei com riqueza não, que eu não quero riqueza não.

**Bruno: Já chegou a trabalhar como professor de município?**

**Elias Moreira:** No município, também eu Prestei serviço ao município muito tempo que era um mobral, trabalhava como coordenador do mobral na época, aí depois fui ensinar no município aqui, mas, é oficial mesmo no estado, como professor o estado.

**Bruno: O senhor tem uma coleção de objetos antigos?**

**Elias Moreira:** Tenho, tenho um bucado, hoje se torna uma quantidade minima porque eu doeí muitos objetos antigos, eu doava pra museu e outras pessoas levava de dia, tem um bucado ainda, tem uma quantidade ainda ali, num é muito não mas chega a umas cento e tantas peças ainda do museu. Eu tinha mais de 250 peças antiga é por que roubaram muito, o pessoal levava, teve uma época que eu tive um desgosto, doeí umas 100 peças para o Rio Grande do Norte, doeí, doeí umas 100 peças para o Rio Grande do Norte, eu tinha muita peça do império.

**Bruno: Quando foi que o senhor começou a guardar esses objetos?**

**Elias Moreira:** Eu comecei guarda esses objetos todos, meu avo me ofereceu uma caneta, qu era a caneta que tinha sido assinada a ata da emancipação politica de Triunfo. Ele chegou e me disse, olhe meu filho você é meu neto e eu vou lhe oferecer uma lembrança que você não, num esqueça, guarde isso pra você, essa caneta foi dado pelo deputado Acácio Braga Rolim da Paraíba que veio pra Triunfo pa assinar a ata de emancipação politica de Triunfo. Que por sinal essa casa que nos estamos aqui, nessa sala foi assinada a ata. Ele me deu essa caneta, eu guardei, ai comecei pensando em objetos, principalmente da minha família, comecei guardar, guardar e ainda hoje tenho, gosto muito de lutar com essas coisas.

**Bruno: Qual o valor desses objetos para senhor?**

**Elias Moreira:** Eu acho que valor, valor, quase não existe, é o mercado , mas pra mim o sentimento de guardar é incalculável, eu poderia até doar pra um museu, mas eu não vou doar não porque eles jogam fora, só se fosse um museu oficial, tivesse um futuro, deixar isso aqui vai ficar pra os jovens que vem aí no futuro, mas o valor é incalculável pra min né.

**Bruno: Qual o objeto mais antigo da sua coleção?**

**Elias Moreira:** Mais antigo? o mais antigo que eu tenho é um binoculos que a minha vó me deu quando eu era menino, eu tinha treze anos e ela me deu esse binoculos, binoculos eu não sei nem o nome, e era da mãe da minha vó, chamava bisavó dona Mariquinha, é muito bonitinho, e ela disse ói meu fi pra você olhar os pássaros vuando longe, e eu guardei, ainda hoje eu tenho. Esse é muito antigo, ele tem por volta duns duzentos e cinquenta anos já. Tem um carro de boi aqui, que dessa época tem mais de duzentos anos, tem anos, tudo tem um pouco ai do meu povo, deixaram e eu preservei, tem peças de carro de Ford, eu tenho o para brisa mas quebraram, eu tenho uma foto do carro ainda. (Elias Moreira, 68 anos, Triunfo – PB) motores ai antigos, tem maquinas de costurar antiga, tem muitas coisinhas que foram, rádios muito antigos, rádios com cento e cinquenta anos.

**Bruno: Essa coleção ajuda a você a lembrar-se dos fatos passados, das pessoas do passado?**

**Elias Moreira:** Essa pergunta você faz dela a resposta, porque, quando eu pego as

vezes to lembrando, vou fazer uma limpeza, eu lembro de todas elas na época e de quando eu recebi de alguém, tudo foi do meu avô, da minha vó e eles tinham, a família do cantinho que era Andrade, Gualberto, Anacleto, tudo era família só, e eu lembro muito que vovó dizia assim, ói meu fi isso aqui foi do seu ti foulano de tal, meu irmão Joaquim Gualberto disse, peça do carro da minha bisavo na época um for vinte e três, coisa mais linda do mundo foi desmanchado na época e fiquei com algumas coisas desse carro, a manivela da macha, fiquei com dois aro dianteiro e fiquei com uma foto carro, andei nesse carro na charrete, desmancharam o carrro cortaram ao meio e desmancharam e fizeram uma charrete da traseira do for, o povo era muito bruto de pensamento, porque se o animal carregava metade do carro só era colocar o carro todo pra rodar puxado pelos animais, naquela época deu o prego ninguém sabia o que era.

**Bruno: O senhor já falou dessa coleção par os seus filhos?**

**Elias Moreira:** Ja, o meu menino Eriston que fez letras, ele de vez em quando vai olhar la, ele olha tudinho, pai isso aqui ainda ta aqui? ta guardado? ta meu filho, ta tudo guardado, pois o senhor tenha cuidado, ate que ele deu uma sugestão pra nos cubrir porque tem a poeira, tem o tempo que desgasta, eu cubri com uma lona de plástico, de vez em quando eu vou fazer uma limpeza por causa da poeira e os objetos tudo permanece da maneira que foi encontrado a tempos atrás, em bom estado.

**Bruno: O senhor poderia descrever alguns dos objetos que faz parte da coleção?**

**Elias Moreira:** Tem, alguns deles eu lembro, ultimamente eu nao to nem olhando porque meu tempo ta muito pequeno, eu sozin, luto com minha mae, vou num canto vou noutro, más tem, primeiro esse binoculos pequeninim, tem essa caneta, tem relógio também, nem falei pra você mas eu vou falar agora que e uma relíquia, vou so publicar a você que existe ouro, completo de ouro, mas eu também nem mostrei a você nem mostrei a ninguém e ta guardado, esse é uma relíquia que vale muita coisa, tem de armas da época de lampião, encontrado punhal de prata pura, tem armas de lampião uma mauser antiga muito bonita e por sinal o tempo, que foi encontrado na terra se gastou um pouco, mas ainda se encontra, tem, tem uma época eu encontrei, de lampião mesmo eu encontrei aqui no baixio, aqui, eu cortando é, eu tinha tava fazendo um trabalho de irrigação, que eu sou técnico agrícola e gosto também, tava plantando feijão com aquele sistema de irrigação muderno as pressãosinha

simples, pequenininha, e eu tava cortando e na terra la enganchou um objeto no limpador da maquina e eu estranhei por que não tinha pedra, quando eu fui olhar o que era, tava um punhal enganchado no limpador, eu digo oxente, estranho isso aqui, ai eu fui tirei, dei ré na máquina, ai ela ela caiu ai fui bati era um punhal coisa mais linda do mundo antigo, em torno de cinquenta e cinco centimentros ai eu fui alimpei era prata pura, prata especial, tem é, lampião daquela época era pra ascender a noite, pessoal ficar em casa, coisa muito chique comprado longe Rio de Janeiro naquela época, existia uma passagem de pessoas de Mossoró e transitava por aqui deixavam, tem muita coisa, é que eu não sei, não to lembrado é tem também ferro de engomar desses muderno e tem um dos primeiro que foi da época do império, tem muita coisa, uma coleção de radio ne, tem um bocado, não é muito mais era mais de trinta radio, mas hoje tem uma parte deles, tem uma radiola muito grande que é um móvel grande, tem vitrola tem radio de cem anos, ainda hoje funciona, tem uma coleção bonita de rádios, não é muito não mas da pra fazer uns quinze objetos.

**Bruno: O que o senhor pretende fazer com a coleção no futuro?**

**Elias Moreira:** Meu pensamento era que o prefeito doasse um terreno pra o ministério da cultura, que tem dinheiro pra isso, fazer um prédio, pra um museu, que não tivesse dono, fosse da comunidade, coisa que ficasse pras comunidades pra os jovens futuros ver, que se ficar pra prefeitura digo sem medo, e sem nenhum medo, um prefeito entra pra ajudar e o outro entra pra acabar, ficasse para sempre más isso ai é muito raro, porque que eu não vou doar , vou deixar pra meus filhos porque se eu doar pra uma prefeitura ou museu, entra um prefeito bom e outro entra pra da fim jogar no mato, se acaba ligeiro, portanto deixa pro meus filhos, um dia eles quiserem continuar continua se não quiser, seja o que a natureza o que deus quiser.